ILUSTRAÇÃO

4.º ANO
NÚMERO 75

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1929

PREÇO
4$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Veramon

Schering

O mal estar propio da mulher alcança com frecuencia, especialmente nas mulheres delicadas e muito sensiveis, um grau verdadeiramente atormentador. Não só as incapacita para cumprir com as exigencias da vida diaria, mas ainda, pela sua repetição terminam taes incomodos por intristecer o seu animo. Consulte a seu medico. Elle lhe dirá se esses incomodos são originados por uma sensibilidade nervosa aumentada. O Veramon da casa Schering de Berlin faz desaparecer o mal estar, tomando um comprimido de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas sem produzir efeitos nocivos. Adquira V. Exª um tubo de 10 e 20 comprimidos e convencer-se-ha d'isso.

Olitzki · Moertens

A SAÚDE DO VOSSO BÉBÉ

...exige que sejeis severa na escolha do seu leite. Quando ha falta de leite materno, deveis evitar de dar ao vosso filhinho leite fresco que quasi sempre é de qualidade duvidosa, cheio de micróbios e outras impurezas. A fervura diminui consideravelmente o seu valor nutritivo, pois destroi as preciosas vitaminas tão necessarias ao desenvolvimento da criança. Adotai sem hesitar o melhor dos leites, o

LEITE CONDENSADO AÇUCARADO MARCA "MOÇA"

PURISSIMO, RICO EM CREME E EM VITAMINAS. É O ALIMENTO IDEAL, O QUE MELHOR SUBSTITUI O LEITE MATERNO

PREPARAI O VOSSO BÉBÉ AO DESMAME. Fazê-lo bruscamente é expor a criança a graves perigos. Por isso todos os pediatras recomendam que se faça o desmame progressivamente, juntando às mamadeiras de leite papinhas de farinha fortemente lacteada e cuidadosamente malteada. Substitui uma, depois duas e três mamadeiras de leite por uma papinha de

FARINHA LACTEA "NESTLÉ"

RICA EM LEITE E VITAMINAS, CUIDADOSAMENTE DOSEADA E MALTEADA

É assim a melhor maneira de desmamar sem perigo o vosso bébé.

Manda-se gratis uma amostra de leite condensado açucarado «MOÇA» ou de Farinha lactea «NESTLÉ» bem como o folheto do dr. Vidal sobre os cuidados e a alimentação a dar às crianças a quem enviar o talão abaixo à

Filial em Portugal da NESTLÉ & ANGLO-SWISS CONDENSED MILK CO.

Rua Ivens, 11-13 — LISBOA

Queiram enviar-me grátis uma amostra de .....

.....

e o folheto do dr. Vidal.

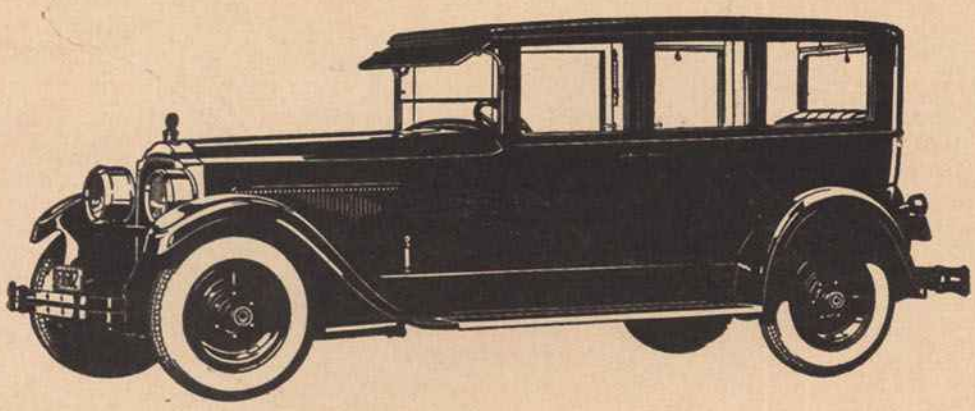
Nome .....

Morada .....

Packard

SÓ FABRICA CARROS DE 8 CILINDROS CHASSIS CURTO CHASSIS LONGO

O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



MODELOS 1929 JA A VENDA

PEDIR INFORMAÇÕES E VISITAR O NOSSO

SALÃO DE EXPOSIÇÃO:

4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.ª L.DA

LISBOA—PORTO

MONROE

TODOS OS CALCULOS POR ELECTRICIDADE, DIVISÃO COMPLETAMENTE AUTOMATICA. A MELHOR CALCULADORA DO MUNDO.

Agente geral:

J. GONÇALVES

CALÇADA DO CARMO, 10

LISBOA

CORNETA
BOSCH

É o alarme que mais convém aos automobilistas, porque tendo um som melodioso e prolongado, com repercusão a 2 quilometros, que na cidade póde ser amortecido, oferece ainda a vantagem dum consumo reduzidissimo.

Acquisição a preço vantajoso.

Representante exclusivo de
ROBERT BOSCH A. G., STUTTGART

Escritório Técnico Roberto Cudell

PORTO — Passos Manoel, 41

'NYTHIS'
Perfume de
GELLÉ FRÈRES
PARIS

ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
AGUA DE COLONIA
SABONETE

Lave, ondule
e córte o seu cabelo

NA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida, 35 — LISBOA

SE SOIS COMPRADOR DE UM AUTOMOVEL DEVEIS EXPERIMENTAR TODAS AS MARCAS E ANTES DA DECISÃO FINAL UM

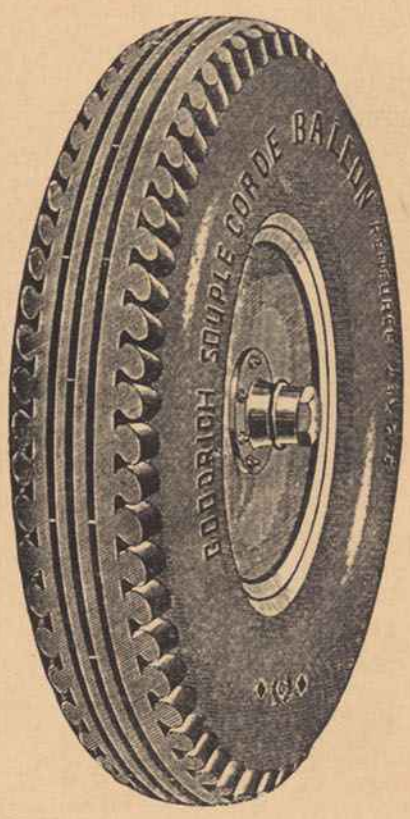
Chrysler

Tenho modelos para todos os tipos, todos os gostos e todos os preços na certeza de que qualquer que seja o modelo adquirido sereis sempre possuidor do automovel de melhor valor pelo melhor preço.

Agente geral
A. BEAUVALET
LISBOA

Sub-Agente
ALBERTO CAMARA
LISBOA

Distribuidor para o Norte
ANGEL BEAUVALET
RUA SANTA CATARINA — PORTO



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS RESISTENTE E DE MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.ª L.DA

4, P. Duque da Terceira LISBOA

59, Avenida dos Aliados PORTO

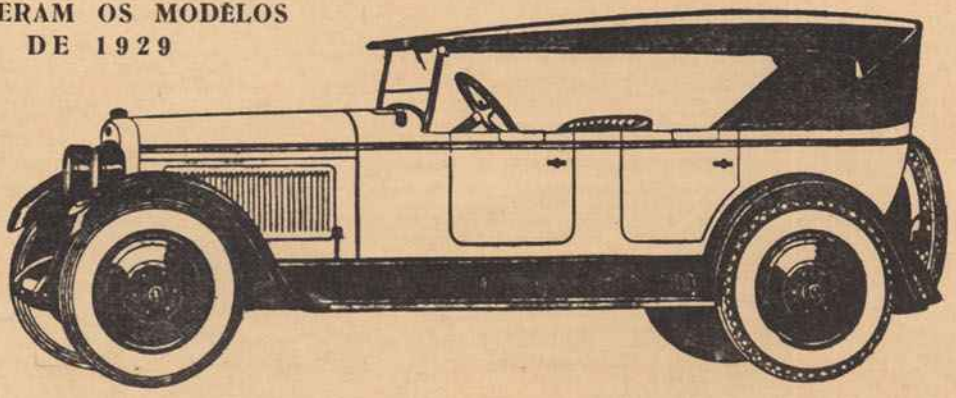
OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

DIVERSOS TIPOS

O CARRO UTILITÁRIO

APARECERAM OS MODELOS DE 1929



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.ª L.DA

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA *59, Avenida dos Aliados — PORTO*

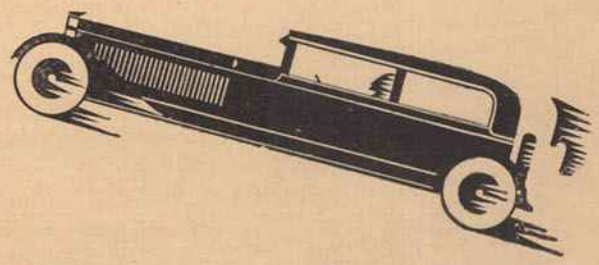
EXPERIMENTAE GUIAR O NOVO ERSKINE SIX.

O novo carro seis cilindros Erskine, "conduite intérieure", modêlo Club, é, entre os modêlos de grande categoria, aquelle que realisa por um preço modico a alliança verdadeiramente moderna do conforto com a perfeição mecânica. De todos modêlos Erskine é este o mais barato e comtudo a casa Studebaker empenhou-se em realçál-o com uma elegancia que em geral é apanagio de carros de elevado preço.

A linha impecavel da carrosserie e as côres de tons harmoniosos augmentam ainda o extraordinario valôr d'este maravilhoso carro Erskine. O interior é espaçoso e forrado com o mais luxuoso veludo, e as portas teem quasi um metro de largo. Sendo, além de tudo isto, muito economico, o novo seis cilindros Erskine offerece todas as qualidades proprias da celebre marca Studebaker.

Conduzir um tal carro é um verdadeiro prazer e, para tanto, vinde experimentál-o aos nossos salões.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital



Unicos Representantes para Portugal:

C. SANTOS, LDA.

LISBOA : Rua do Crucifixo 55 a 59.
PORTO : Praça da Liberdade, Edificio da Nacional.

N. E.B. 102.

VOGA

A GRANDE REVISTA DE ELEGANCIA, MODAS E BELEZA

PROMOVE O

SALÃO DE PRIMAVERA

DA ELEGANCIA FEMININA, ARTES INDUSTRIAIS E DECORATIVAS

NO

PALACIO DE CRISTAL

DO

PORTO

Sob o patrocínio dos ilustres organismos económicos do Norte, ILUSTRAÇÃO, MAGAZINE BERTRAND e os seus editores a grande firma **AILLAUD LTD.ª** (Livrarias Aillaud & Bertrand)

ESTÁ ABERTA A INSCRIÇÃO PARA ÊSTE CERTAME QUE, À SEMELHANÇA DO **SALÃO DE OUTONO DA ELEGÂNCIA FEMININA E ARTES DECORATIVAS**, PROMOVIDO PELA «VOGA», NO PALÁCIO DE BELAS ARTES DE LISBOA, OBTERÁ

O MAIOR ÊXITO ECONÓMICO, PUBLICITÁRIO E ARTÍSTICO, SENDO UM VERDADEIRO ACONTECIMENTO NACIONAL

As primeiras casas a inscrever-se definitivamente em lugares de destaque foram

GRANDE BAZAR DO PÔRTO LTD.ª (LISBOA-PÔRTO), representantes da colossal marca de gramofones e discos HIS MASTER'S VOICE

SANTOS & JÚLIO, COSTUREIROS, criadores de Modas — (R. Nova do Almada — LISBOA)

HENRI MANUEL (Fotógrafo de Arte, Moda e Elegâncias) — PARIS

FÁBRICA DOS TAPÊTES DE BEIRIZ — A maravilhosa indústria artística de D. Hilda Brandão de Miranda e Carlos de Miranda

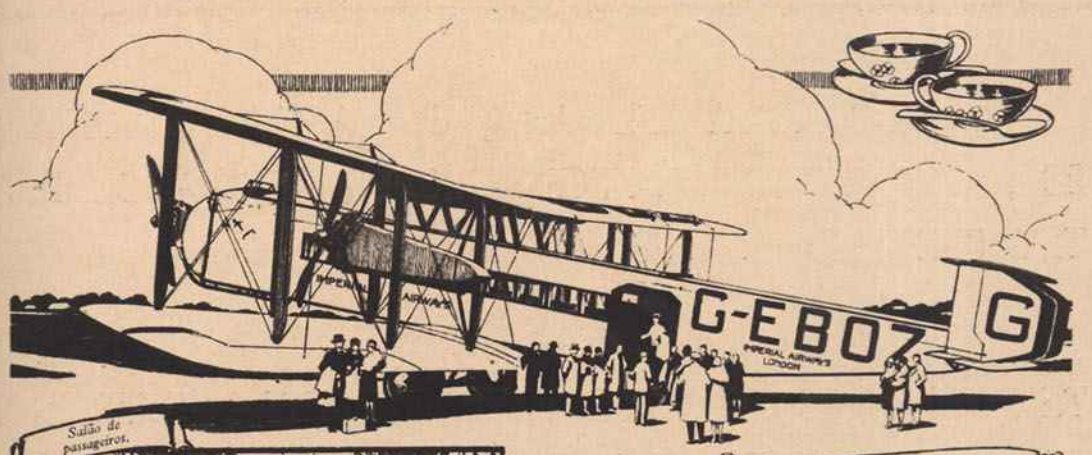
VINHOS BORGES — De fama mundial, porque «os Vinhos Borges... são Vinhos»...

MÁRIO DE NOVAIS — (Fotógrafo de Arte) — LISBOA

Tôdas as informações nas redacções de *Voga, Magazine Bertrand* e *Ilustração* (Telef. N. 873) ou no

BUREAU DA EXPOSIÇÃO:

AVENIDA DOS ALIADOS, 71, 1.º — PORTO — *Telefone: 4909 (Porto)*



Imperial Airways
Avião de Luxo "Silver Wing."

Flying

No dia 25 de Agosto de 1919, um avião pequeno, ex-avião militar de bombardeio transformado para o serviço comercial, fez o vôo de Londres a París, e de ahi veio a formação da " Imperial Airways," que durante anos e anos se tinha tido por uma coisa impraticavel. Desde então já se fez um percurso de vôo de mais de 9.500.000 kilómetros e o número de passageiros transportados aumentou tanto que as autoridades tiveram que dar dupla amplitude ao Aerodromo de Croydon.

As comodidades para os visitantes são agora quasi luxuosas, e o " tea garden " em frente do ponto de aterrissagem, está sempre cheio de espectadores que, enquanto observam a chegada e a partida, podem tomar o seu chá num ambiente agradavel e confortavel.

Com quanto prazer e desafogo, depois da terrivel responsabilidade de voar a 145 kilómetros por hora, em toda a classe de condições, sol, chuva, vento e névoa, tomarão os pilotos a sua chávena de refrescante e fortificante

CHÁ HORNIMAN

A casa Horniman fornece todos os Estabelecimentos de importância e goza de fama na Grã-Bretanha ha mais de 100 anos. O chá Horniman prepara-se expressamente para V.Sa., do mesmo modo que para todos os países do mundo, em recipientes de diferentes tamanhos, escolhidos conforme as necessidades do comprador.

NÃO BASTA AFIRMAR QUE UMA GAZOLINA É BOA, OU GARANTIDA, É NECESSARIO DEMONSTRAR NA PRATICA QUE ASSIM É.

UMA BOA GAZOLINA É UM PRODUTO QUE TEM TODOS OS SEUS ELEMENTOS BEM EM EQUILIBRIO E BEM DOSADOS. UMA TAL GAZOLINA PRODUZ MAIOR FORÇA NO MOTOR, NÃO SUJA E PROLONGA-LHE A DURAÇÃO; DÁ PORTANTO O MAXIMO DE RENDIMENTO E POUPA DINHEIRO AO DONO DO AUTOMOVEL. TEM, POIS, TODAS AS VANTAGENS.

PROCURE SEMPRE

A MARCA

E

A PALAVRA

TANTO NA GAZOLINA COMO NOS OLEOS DE LUBRIFICAÇÃO

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º LTD.

RUA DO CRUCIFIXO, 49 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIPOGRAFIA DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecilio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. N. 873

ANO 4.º — NÚMERO 75

ILUSTRAÇÃO

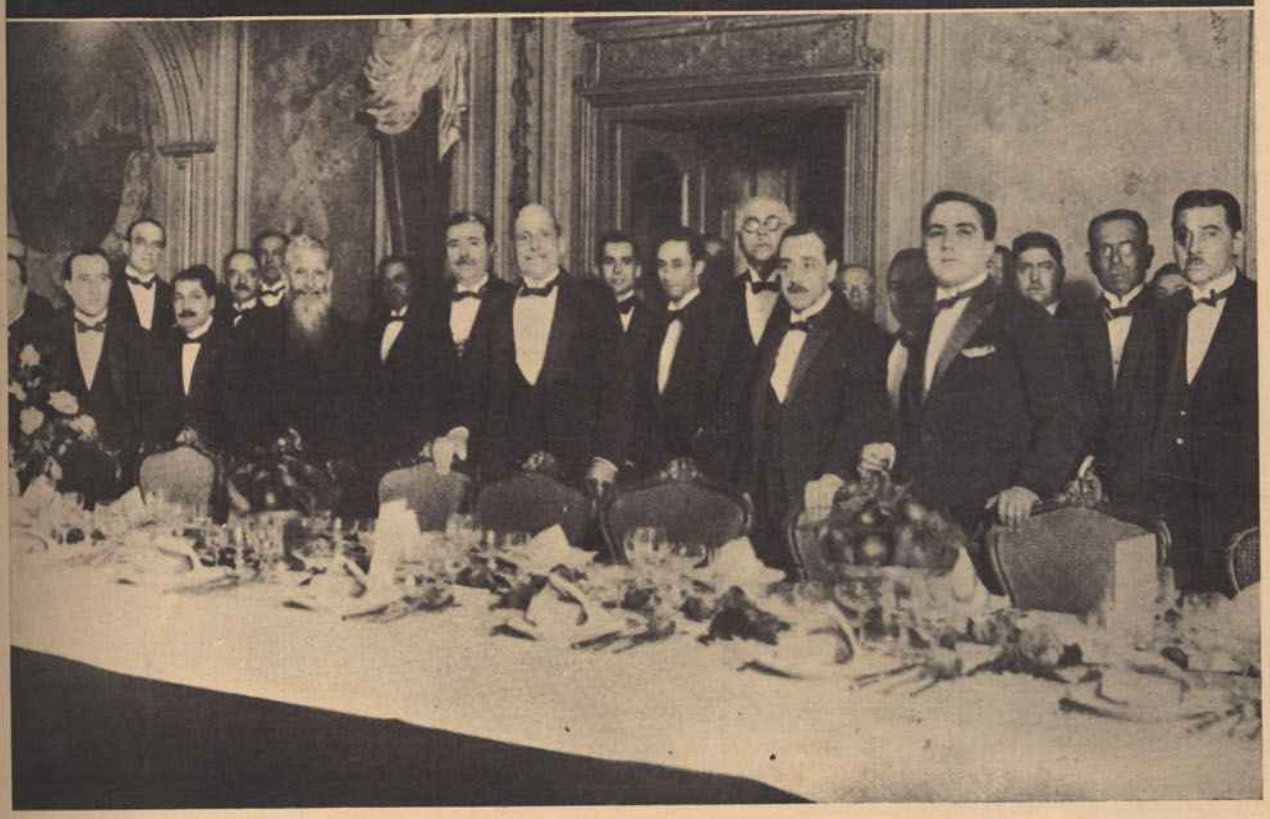
DIRECTOR-DELEGADO:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:
AILLAUD, L.DA
R. Garrett, 73, 75—Lisboa
ADMINISTRAÇÃO
Rua Anchieta, 25
Telef. C. 1084

1 DE FEVEREIRO DE 1929



Em cima: ASSISTÊNCIA AO BANQUETE OFERECIDO NA EMBAIXADA DO BRASIL AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, SENHOR GENERAL CARMONA
Em baixo: ASPECTO DO BANQUETE OFERECIDO PELOS COLONIAIS AO ILUSTRE ALTO COMISSÁRIO EM ANGOLA, COMANDANTE FILOMENO DA CÂMARA

CRÓNICA DA QUINZENA

Quando uma publicação como a nossa se vê obrigada a usar das suas páginas em defêsa dum assunto seu, roubando-as à sua principal missão, que é servir, fielmente, os interêsses alheios, da colectividade, ao serviço da qual, desinteressadamente, abnegadamente, se colocou, é porque surgiu na sua existência, atravancando-lhe o claro e limpo caminho, alguma coisa de profundamente iníquo, é que está alguma grande injustiça a embargar-lhe o passo.

«Se a palavra é de prata, o silêncio é de oiro», reza o aforismo e justo será na mór parte das vezes. Mas nem sempre o silêncio pode guardar-se sem envolver nele uma traição ou uma fraqueza e aquele que, atacado nos seus mais legítimos direitos, impedido de cumprir uma alta missão pela fôrça absurda duma imposição injusta, mostra a sua fraqueza renunciando ao combate, êsse é um traidor; trai porque não empenha o possível e o impossível para fazer triunfar o seu brado de justiça.

Por isto se explica que não guardemos mais tempo um silêncio que poderia ser tomado por fraqueza. E já que falamos, e bem alto, começaremos por falar de nós.

O que tem sido a *Ilustração*, qual a sua rota, quais os seus desígnios, quais as suas realizações?...

Não é preciso que o orgulho nos cegue ou que a vaidade nos tire o discernimento para, em meia dúzia de palavras, deixar gravada em linhas indeléveis o *curriculum vitae* da *Ilustração*.

À data em que esta publicação foi fundada, tôda a gente, a mais ousada como a mais circunspecta, consideraria, uma vez consultada, rematada loucura a criação de uma grande revista ilustrada no nosso país. Acusava-se o público de incompreensivo, de atrazado, de inculto e não se lhe oferecia nem beleza, nem civilização, nem cultura. A *loucura* executou-se, e conscientemente. O prestígio de Aillaud, Ltd.ª, a energia de João da Cunha de Eça, serenamente, sem confundir decisão com espalhafatos ridículos, deram vida à ideia. Apareceu a nossa revista e logo se afirmou como um iniludível triunfo em meio do carpir dos zoilos. Portugal, posto sempre, pela cobardia de muitos, à margem do mundo civilizado, tinha, enfim, uma revista digna, sob todos os pontos de vista. E a *Ilustração*, desvanecidamente o dizemos, começou de ser o *único* elo, no mundo, a ligar uns aos outros pela cultura expandida, pelo prestígio da língua cultivada pelos seus mais altos espíritos, todos os núcleos de portugueses dispersos pelos mais variados recantos do globo. A todos esta revista foi levar em recordação, a beleza das suas terras, as glórias da sua pátria, a genialidade e o saber dos seus irmãos. É a *Ilustração* que, no Brasil, representa um dos últimos baluartes da mentalidade portuguesa, levada a todos na sua forma mais útil, na sua forma de vulgarização e de expansão.

Mas não ficou aqui a utilidade da nossa revista. Ela criou, no próprio país, um enorme público leitor, seduzido pelas suas gravuras e pela sua beleza, e assim, ela foi, é, e será um dos mais poderosos agentes da educação e do revigoramento nacionais. A defêsa do nosso património artístico, a propaganda internacional das nossas belezas, a glorificação dos nossos grandes homens, tudo tem sido magnìficamente levado a efeito pelo nosso esfôrço desinteressado, sem subsídios seja de quem fôr, sem proteções pautais, sem regimes de favor.

Pela criação de aperfeiçoados processos gráficos, pela montagem das suas oficinas e pela escola de técnicos de *élite* que dentro dela formou, também a *Ilustração* deve merecer simpatias de todos, sobretudo dos poderes públicos, a quem nunca *pedimos coisa alguma* e que talvez nos devam alguma coisa de importante. Efectivamente, e sem que com isto queiramos fazer jus a prebendas nem favores, onde encontraram, alguma vez, os representantes ocasionais do Estado, melhor boa vontade em coadjuvar a sua acção, sempre que ela foi digna e justiceira, mais lealdade e mais ânsia nacionalista e patriótica?... Qual a revista, neste momento eminentemente notável da política de aproximação ibérica e cooperação com o vizinho reino, que sustente autorizada correspondência em Madrid e dedique uma atenção mais profunda aos problemas do intercâmbio cultural? Qual a organização jornalística que, mais do que nós, tenha voltado para o Brasil os olhos da alma, servindo a fraternidade dos dois países de língua portuguesa com mais alto anseio e mais raro desinterêsse?... São preguntas que, por desgraça, se destinam a ficar sem resposta alguma!

Pois bem; trazida a público, num resumo leve, a nossa fôlha de serviços, quer-nos parecer que, por nosso esfôrço próprio, conquistámos o sagrado direito de existência, e até, o de vermos a nossa acção respeitada senão excepcionalmente facilitada. E porque assim não acontece, surgem os nossos indignados protestos.

Ilustração, no intuito de apresentar um brilho gráfico compatível com a sua categoria e prestar um alevantado serviço à arte nacional, empreendeu, com esfôrço e sacrifício, a publicação de *separatas* ou, à francesa, *hors-texte*, em que, por aprimorado processo, têm sido arquivados os trabalhos de pintura e de escultura mais incontestàvelmente marcantes dos grandes artistas da península e dos nossos museus. Esta publicação, agora alternada com o magnífico Livro dos Brazões de Portugal, tem tido um acolhimento entusiástico e faz-se, sem obstáculos ou impedimentos, há mais de três anos. Pois é agora que inopinadamente, surge a ilustre Administração dos Correios e Telégrafos, com citação erudita de variados artigos de leis ou regulamentos, impondo-nos a suspensão dos ditos *hors-texte* ou separatas e fôlhas de brazões, pois que outra coisa não é a exigência de numerar como texto uma coisa que é *hors-texte* (fora do texto) e querendo tornar esta prestimosa divulgação de obras de arte, pela sua inclusão no mesmo texto, absolutamente inexpressiva.

Em tôda a parte, com exclusão da terra Afgã, que expulsou Amanulá, e a Libéria, de que Marang era diplomata, a publicação de uma obra de vulgarização desta ordem seria isenta de impostos, os correios prontificar-se-iam a transportá-la a tôda a parte gratuitamente. Em Portugal, ao que parece, em guisa de protecção, apenas se consegue que a ilustrada e ilustre Administração Geral dos Correios e Telégrafos nos ameace de se recusar a fazer o transporte da *Ilustração* pelo correio, se esta tiver separata ou, à francesa, *hors-texte*. Isto nos diz, insofismàvelmente, uma resposta do poderio central daquele organismo, a reclamação por nós feita. E é difícil de acreditar que assim seja.

Invoca-se uma lei!... Mas ou a lei foi mal interpretada ou se a lei é má, que se não aplique e se modifique com urgência, tornando-se lógica, inteligente e tão justa quanto rigorosa. Porque não há, em matéria legislativa, que eu saiba, dogmas a respeitar. O que hoje nos parece monstruoso nos códigos de há séculos seria defensável nessas épocas, mas nem por isto se segue que não houvesse direito a modificar uma coisa injusta ou monstruosa por um ridículo respeito por uma ruína, embora cheia de tradição. Proíbir a *Ilustração* de ter *hors-texte* afigura-se-nos critério que não pode ser sancionado. E para o Ex.mo Ministro vamos reclamar depois de gritar a nossa razão ao público que nos lê e estima.

Nos correios passam-se, em matéria de relações com jornais e revistas, coisas verdadeiramente anormais e verdadeiramente singulares. Revistas concorrentes das nossas, lançadas no correio, chegam, como é natural, às mãos dos assinantes de Lisboa, no dia imediato pela manhã; as nossas publicações, entregues na estação à mesma hora, só chegam... três e quatro dias depois. Quando a nós proíbem a inserção de obras de arte, incorporadas nos números das revistas e a elas ligadas, outras publicações ilustradas circulam, livremente, contendo *fôlhas inteiramente separadas*, fôlhas sem valor artístico, de publicidade e de brindes que vão, impunemente, sendo distribuídas mediante o simples pagamento da taxa especial para publicações e revistas. Tratamentos de excepção para nós... e porquê? Havemos de o saber e não estamos dispostos a deixar-nos vencer, tendo por nosso lado a razão inteira.

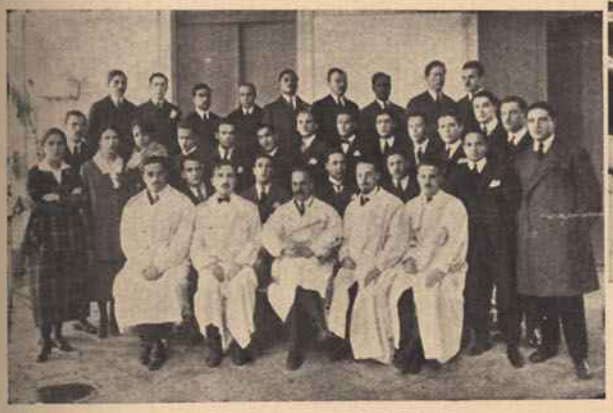
ÊSTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

FACTOS E ACONTECIMENTOS

Festa do 10.º aniversário do Aéro Club. Na mesa de honra a primeira aviadora portuguesa que recebeu o seu «brêvet»

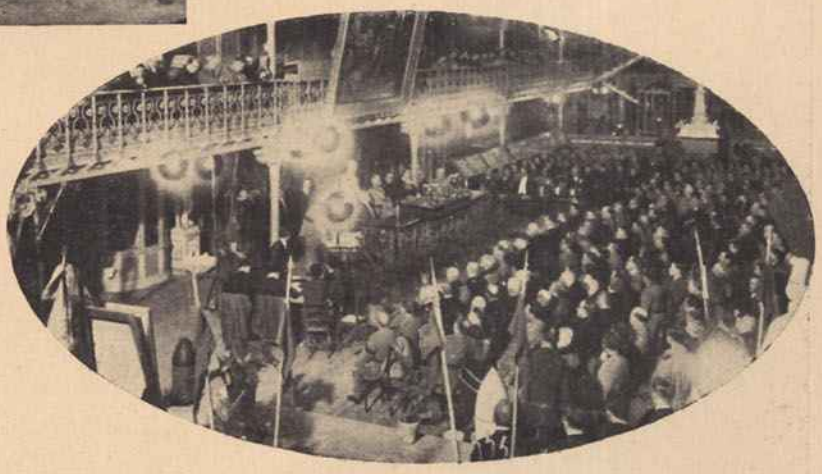
Vista parcial da cidade de Bragança sob um dos excepcionais nevões que a cobriu há dias e lhe deu um aspecto originalíssimo

(Foto Tenente S. Pimenta)



REUNIÃO DO CURSO MÉDICO 1918-1919

Nos primeiros dias do mês de Fevereiro reúne-se num almôço de confraternização o curso médico que entrou na Faculdade de Medicina de Lisboa no ano escolar de 1908-1909, para festejar o seu primeiro decénio. Êsse curso, que está representado na foto acima com os seus mestres do 1.º ano, é constituído pelas senhoras doutoras Maria José Paixão, Georgina Pimenta, Maria Henriqueta, e pelos srs. drs. Rodrigo Giro, Serra Negrão, Francisco Valente Rocha, Luís António Xavier, Gonçalves Pereira, Augusto Carrilho, Justino Santos, Fernando Ilharco, Jaime Pimenta Presado, Júlio Rosário Costa, Francisco Nunes, Alberto Pereira de Carvalho, Alberto Soeiro, Pedro Vieira da Fonseca, Augusto de Bragny, Luís Queriol Macieira, Mário Conde, Rodrigo César Pereira, Benjamim de Brito, Carvalho Dias, Carlos Novais, Francisco Calheiros, Mota Capitão, Silva Costa, António Dias, Sales Guedes, Maciel Chaves e João de Sousa Fonseca, director da *Ilustração*.

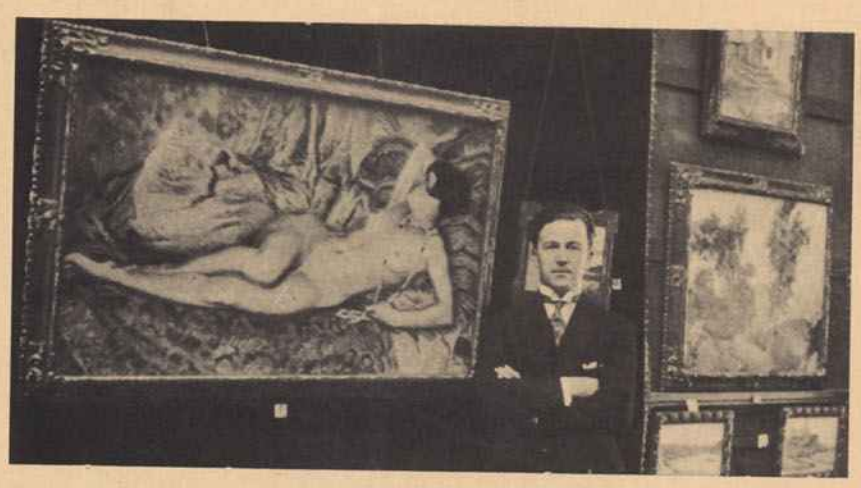


NO OVAL, *de cima*: — Aspecto da sessão solêne realizada na Sociedade de Geografia (Sala Portugal), em memória e homenagem ao grande militar e grande português, o general Bernardo de Faria, e onde foi pretendido eloqüentemente o falecido oficial

À ESQUERDA: — Uma festa curiosa a São Gonçalo em Mafamude (Gaia). O tradicional grupo dos barqueiros do Rio Douro que, em trajos pitorescos e conduzindo a cabeça de São Cristóvão e a imagem de São Gonçalo, percorrem as ruas daquele concelho

(Foto Álvaro Martins)

No Salão da Voga, no Pôrto, far-se hão ouvir as últimas criações de "His Master's Voice", a marca de gramofones e discos de maior fama



O pintor brazileiro Leopoldo Gotuzzo junto dos quadros que expôs, com grande êxito, no Palácio das Belas-Artes. — *À direita:* «A calçada dos Artistas» (Ponte do Lima), por Gotuzzo

Aspecto do banquete de homenagem dos casaplanos ao ilustre ex-director daquêle estabelecimento sr. Alfredo Soares

Antes da sua partida a ocupar o Alto Comissariado de Angola, para que foi nomeado, o ilustre colonial e homem público, comandante Filomeno da Câmara, percorreu o norte do país numa visita de estudo às principais indústrias da região, visita que redundou, para o ilustre alto funcionário da República, numa verdadeira apoteóse aos seus inegáveis méritos de governante em que a opinião pública deposita as mais fortes esperanças de ressurgimento de Angola, a mais rica das nossas colónias e quiçá a mais improdutiva em riquezas nesta hora de transição. As manifestações a Filomeno da Câmara atingiram o delírio e provaram ao enérgico colonial que a sua obra em terras de África será secundada na metrópole por todos aqueles que, directa ou indirectamente lhe possam prestar apoio ou coadjuvação. As nossas fotos representam: *Em cima, no medalhão,* o comandante Filomeno da Câmara a bordo do navio que o leva *à* África *e em baixo, à esquerda,* à sua chegada à estação de S. Bento (Pôrto)

No Salão da Voga, no Pôrto, estarão expostos os maravilhosos "Tapetes de Beiriz" de Carlos de Miranda e D. Hilda Brandão de Miranda

ARTE E ARTISTAS

VARELA ALDEMIRA

Varela Aldemira, um dos mais fortes temperamentos de pintor da sua geração, viu os seus méritos consagrados pela encomenda da decoração das salas do nosso Palácio da Exposição de Sevilha. Damos hoje, nesta página, alguns desenhos soberbos, estudos a carvão para figuras dos painéis a executar. À esquerda, estudo para a alegoria «Ásia», conforme o tipo malaio da ilha de Java; à direita, a «Oceania», simbolisa num tipo papúa, da Nova Guiné, de cabeça enfeitada com penas de Ave do Paraíso

Um belo desenho de Varela Aldemira, «O Faisão», estudo para a alegoria «Ásia», destinada a Sevilha

O ESCULTOR CHILENO LORENZO

À ESQUERDA: — Estôjo do monumento ao sábio histólogo espanhol D. Santiago Ramón y Cajal, que será mandado erigir pela Faculdade de Medicina de Madrid nos Jardins da Cidade Universitária. Êste estôjo é obra do distinto escultor chileno «Lorenzo», que se está afirmando como um dos mais fortes e admiráveis artistas da América do Sul e que é também estudante de medicina. A figura hierática, ideada e executada pelo novel artista, tem, além do interêsse artístico, o interêsse da comparação com a figura de Cajal já executada por Victorio Macho.

JOSÉ CAMPAS

O ilustre pintor José Campas, que acaba de expor, no Salão Bobone, com um inegável êxito, é um dos artistas mais profundamente notáveis da sua geração. O expressionista do Estado, em Paris, marca, incegàvelmente, pela sua subtil arte e pela ânsia de perfeição que o anima. Reproduzimos: Em cima, um recanto do «atelier» de José Campas, e à direita, um dos seus quadros mais apreciados: «Apanhando grilos» (Constância)

No Salão da Voga, no Pôrto, estarão representados os VINHOS BORGES, porque "os Vinhos Borges são vinhos"

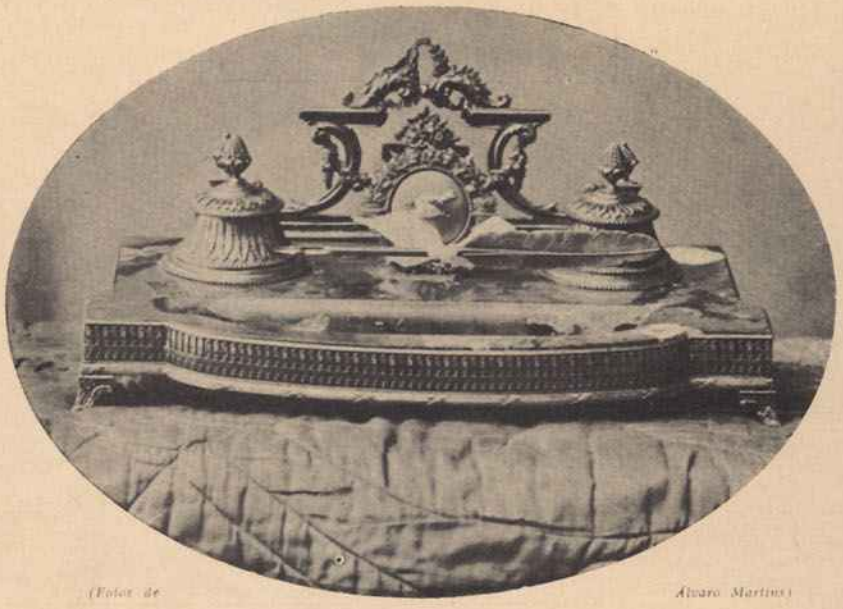
PELO NORTE

À ESQUERDA: — Um aspecto do prédio incendiado em Almodena (Vila Real), e onde encontraram a morte os inquilinos, um casal de velhotes que não quis ser separado para o salvamento, preferindo morrer carbonizado

NO OVAL, *do centro*: — A posse do novo Reitor da Universidade do Pôrto. O empossado, professor Sousa Pinto, discursando

AO CENTRO E EM BAIXO, *à direita*: — Aspectos da repressão da mendicidade, no Pôrto. Vários pedintes característicos, depois das rusgas, aguardando o internamento nos asilos

NO OVAL DA ESQUERDA, *em baixo*: — Formosíssimo tinteiro que os joalheiros portuenses Reis, Filhos, Limitada, ofereceram à benemérita «Casa dos Jornalistas» do Pôrto, magnífico palácio em conclusão, que se deve à iniciativa e porfia de Loureiro Dias e aos ódulos magnânimos de todo o público portuense



(Fotos de Álvaro Martins)

No Salão da Voga, no Pôrto, estarão expostas as fotos de arte de Henri Manuel, de Paris e Mário de Novais, de Lisboa

UM PINTOR

FAUSTO SAMPAIO, OS SEUS QUADROS E A SUA PARTICIPAÇÃO NO "SALON" DE PARIS EM 1928

O pintor Fausto Sampaio

Retrato do irmão do artista

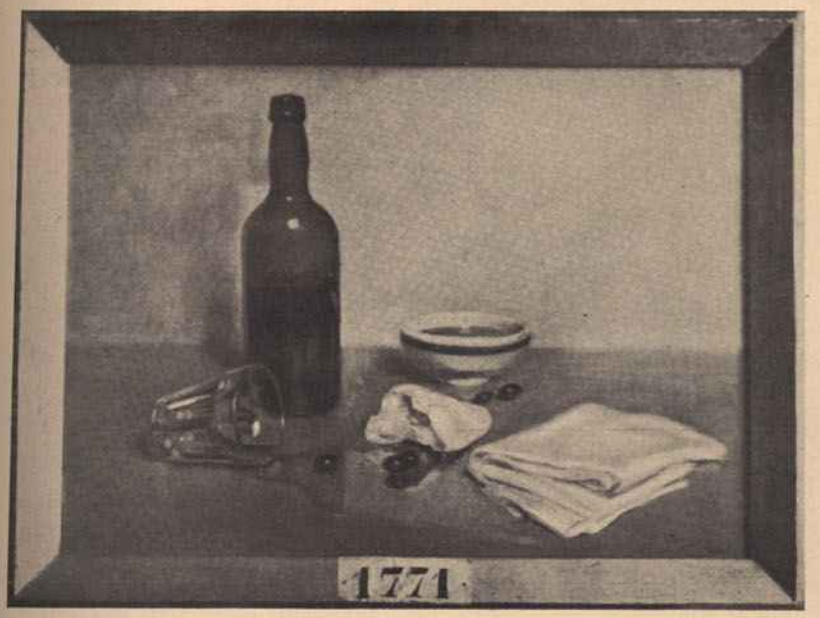
Não pretendemos, ao dedicar esta nossa página ao moço artista cuja exposição vai ser o acontecimento artístico da quinzena que entra, revelar celebridade alguma nem incensar desmedidamente, estultamente, uma vulgaridade da pintura, falseando a nossa missão por favor ou amisade ou ainda, apenas, pelo desconhecimento do valor das proporções.

Fausto Sampaio é, nem mais nem menos do que um pintor, mas pintor de verdade, por instinto, por predisposição e por qualidades natas.

Afastado de grandes centros, sem côrte de admiradores, sem invejas nem falsa notoriedade, preferindo o atelier e o recolhimento espiritual, grato à génese das obras de arte, à mesa do café e sua fácil fama, êste pintor é um alto exemplo no meio artístico português.

Êste interessante artista é filho duma distinta família de Anadia e é surdo-mudo. Esteve no Instituto Araujo Pôrto e depois na Casa Pia, onde teve rudimentos de desenho. Voltou depois a Anadia e não mais teve mestres até que, em 1926, foi para Paris, onde frequentou, durante meses, a academia «Julien», onde pontificava Laurens. Fausto Sampaio, porém, pintava às escondidas do mestre para não lhe sofrer as influências... e as emendas naquilo em que elas o reduziam à categoria dum imitador servil do mestre. Abandonou então a escola e mais tarde voltou a Paris onde, mais 3 meses, frequentou a Academia «Renard», dirigida pelo grande Emile Renard. Mais uma vez regressou a Portugal e quando voltou a Paris levava consigo o quadro «Natureza morta» que reproduzimos e com o qual se apresentou ao juri de admissão ao Salon. Já tinha fechado o prazo, Fausto Sampaio era mudo, português, desconhecido e não levava a mínima recomendação. Pois o quadro foi aceite logo por unanimidade e lá tem a etiqueta cubiçada e figurou no grande certame com o número 1771. É que a técnica de Fausto Sampaio é poderosa. Sem obediência a escolas nem a preconceitos, sem contacto com mestres e museus, refugiado na sua Anadia, êste artista triunfa por si só. E isto, no país da insinceridade e das «igrejinhas», é notabilíssimo. O segrêdo de Fausto Sampaio e da sua vitória é a insatisfação enorme do artista ante a sua obra e é a sua ânsia de perfeição, é a sua probidade tão grande como o seu talento.

EM CIMA: — Antiguidades



A ESQUERDA: — Natureza morta (Salon de Paris 1928)

O Salão da Voga, no Pôrto, tem o patrocínio das ilustres colectividades Associação Industrial, Associação Comercial, Associação dos Comerciantes e Centro Comercial, da capital do Norte

FIGURAS DO MOMENTO

SALOMÃO MARRACHE

ILUSTRE vice-consul de Portugal em Tanger, e uma das figuras de mais destaque na «cidade branca», que acaba de ser justamente condecorado pelo govêrno português.

DR. CARLOS EUGÉNIO FERREIRA

EMINENTE compositor e musicógrafo da Índia Portuguesa, cujas obras sôbre o folklore hindu teem obtido o mais justificado triunfo em todo o mundo musical.

O CAPITÃO LEMAITRE

CÉLEBRE aviador francês, director da Escola de Aviação da Bolívia, e que deu uma queda gravíssima com o seu avião, sôbre a cidade de Pôrto Suarez. *(Foto H. Manuel)*

LEOPOLDO GOTTUZZO

ILUSTRE pintor brasileiro que acaba de expor, com formidável êxito, na S. N. Belas Artes, os seus magníficos quadros que noutro lugar reproduzimos. *(Foto Medina)*

COMANDANTE FILOMENO DA CÂMARA

TALENTOSO homem público e figura de inconfundível prestígio, cuja nomeação para Alto Comissário de Angola foi recebida com as maiores demonstrações de apréço em todo o país.

M.elle MARIA ANTÓNIA DE CASTRO

GRANDE *virtuose* do piano, uma autêntica celebridade brasileira, que acaba de deslumbrar o público de Lisboa no seu concêrto realizado no Tivoli com a brilhante orquestra sinfónica do «maestro» Pedro de Freitas Branco.

PROF. GUIDO VITALETTI

EMINENTE erúdito e diplomata italiano que está no nosso país e acaba de inaugurar, na «Casa dos Italianos», uma interessantíssima série de «Leituras Dantescas».

(Foto Mário de Novais)

SUZANA LENGLEN

A famosa *campeã* do mundo em *lawn-tennis*, e sôbre cuja sábita desaparição, durante umas férias na América, se bordam comentários muito vivos.

No Salão da Voga, no Pôrto, desfilarão os manequins vivos com criações de SANTOS & JÚLIO (Rua Nova do Almada — LISBOA)

A CAPITAL DA VELHA RUSSIA

UMA CIDADE DE FANTASMAS

Leninegrado tem sido sempre uma eterna S. Petersburgo. A velha Moscou continuou a possuir a animação antiga, continuou a ser bem russa. S. Petersburgo nunca foi uma cidade russa. Hoje é uma cidade morta, mas resta-lhe ainda uma população de espectros, os espectros duma casta banida, mais completamente do que nenhuma outra o foi nunca no decorrer de qualquer das revoluções da história.

Pedro o Grande quis abrir no seu Império uma janela que deitasse para o ocidente. E foi rasgá-la no meio dos fantasmas, *sôbre ossadas*, como dizem os russos, para lembrar o número de vítimas que custou esta drenagem para o poente. A cidade, porém, nunca foi russa, mas sim ocidental e cosmopolita: a mais moderna e espaçosa das capitais da Europa. Uma espécie de imperial Washington, de ruas largas, extensas avenidas, as *perspectivas*, e soberbos edifícios de fachadas clássicas; mas foi também uma espécie de Veneza tétrica, com seus canais sombrios e uma lagôa cinzenta, donde o Neva, tão depressa gelado como trasbordante, se precipita, rolando águas escuras para o Golfo de Finlândia e o Báltico.

A funesta atracção dos Romanoff para o ocidente e para o mar, afastou-os cada vez mais da estepe. Com uma pequeníssima esquadra, construiram para ela um almirantado formidável. Tem bem os seus mil metros de fachada, o ministério da Marinha, no tôpo da perspectiva Newsky, onde êle detém todos os olhares e constitui, sòzinho ,o panorama inteiro. Os seus arquivos estão pejados de planos e programas navais e de formidáveis orçamentos de hipotéticas esquadras que, na realidade — e isto é caracteristicamente russo — não passavam duma pequena frota que pouco mais poderia fazer do que servir de alvo ao inimigo. Nicolau II usou até à morte o seu uniforme de almirante e no Palácio de Livadia, na Crimêa, conserva-se ainda o último brinquedo do *tzarevitch*: um naviosito com todos os seus pertences, que servia ao herdeiro presuntivo para brincar às manobras navais do Mar Negro.

Leninegrado tem hoje o aspecto dum riquíssimo scenário traçado para uma peça que não chegou a ser representada. E quando vemos Eisenstein, o director de cinema russo, filmar uma scena revolucionária diante do Palácio de Inverno podemos supor cutão que esta frontaria imponente encontrou, enfim, o verdadeiro sentido da sua existência. Tudo em Leninegrado é scenográfico: os palácios de estilo barroco e clássico do período francês, construidos por Trestini, Rastrelli Guarenghi, Rossi, a catedral de Kazan, perfeita redução de S. Pedro de Roma; a igreja de Santo Isaac, que parece trazida de Paris; não há nada que seja russo. Assim os usos a que actualmente se destinam êstes palácios não nos parecem disparatados: ninguém se admira de que as cornijas douradas do Museu revolucionário do Palácio de Inverno assentem sôbre um cárcere, nem que rapazes de blusas de ganga brinquem nos toucadores das grandes damas do Império.

E se nós figuramos Leninegrado como o campo de batalha da revolução operária, verificamos nisso uma curiosa ironia da Sorte e uma conseqüência dos próprios actos dos Romanoff. Com efeito a criação, por édito imperial, duma cidade ocidental que centralizasse o poderio, o luxo e a cultura do Império devia favorecer o desenvolvimento fabril nessa região e dar lugar, mais tarde, em presença da riqueza e do fausto da cidade opulenta, ao descontentamento progressivo que levou à Revolução.

A primeira greve de operários russos foi em 1747, o motim dos tecelões de S. Petersburgo, logo após o acabamento da cidade. Tôda a história da Revolução se encontra escrita em traços fulgurantes nas galerias do Palácio de Inverno e estende-se por uma centena de anos. Começou com a insurreição dos dezembristas em 1826 e veio alastrando em fogachos isolados, até êsse dia de Fevereiro de 1917 que assistiu à queda do tzar e a êsse outro de Outubro seguinte que pôs fim ao regime de Kerensky e dos mencheviks.

Foi em Leninegrado que se fundou a primeira união comunista. Desde 1893 foi ela o quartel-general de Lenine, sempre que êste se não encontrava no exílio. E foi aí que êle criou, em 1905, o primeiro soviet. O Instituto Smolny, a grande instituição fundada por Catarina II, para educação das donzelas pobres, e onde tem agora a sua sede o soviet provincial, foi o quartel general da Revolução e aí nasceu a actual forma de govêrno e se reuniu o primeiro congresso Pan-Russo que nomeou o primeiro Conselho dos Comissários do Povo. A sala onde êste primeiro Conselho se reuniu é já hoje uma sala histórica que se mostra a todos os visitantes. Podem ver-se aí também os aposentos que Trotzky e Lenine habitaram, antes da sua ida a Moscou em 1918.

Lenine conseguiu apoderar-se de S. Petersburgo porque tanto os soldados como os camponeses russos estavam fartos de guerra. Mas esta cidade não era para êle a verdadeira capital, como já o não tinha sido para a Rússia. Ao lançar mão do poder absoluto transferiu o seu govêrno para a cidade santa e Petersburgo passou a não ser outra cousa além dum posto avançado do Ocidente, tal como no tempo em que a fortaleza de S. Pedro e S. Paulo enfrentava os exércitos suecos. De resto tôdas as províncias do oeste se perderam: a Estónia, a Letónia, a Finlândia, tudo partiu com o Império e o seu esplendor.

A população, que já atingiu novamente a densidade que tinha antes da Revolução, não enche as ruas; os palácios abandonados da aristocracia, parecem meditar, no seu isolamento, a tragédia dos antigos proprietários; a erva cresce nas calçadas. Os vermelhos, mascarando com uma pintura verde a púrpura dos Romanoff, não conseguiram que Leninegrado deixasse de ser a cidade dos Tzares. Lenine conquistou o Kremlin mas Leninegrado continuou a ser S. Petersburgo.

O único monumento às glórias do Império que os soviets deixaram de pé é a grotesca estátua elevada por Troubetskoy ao tzar Alexandre III, pai de Nicolau. A velha casta russa quiz destruir tal monumento; os vermelhos pouparam-no e fizeram dêle um insulto. Puzeram-lhe esta inscrição: «Meu pai e meus filhos foram justiçados e a desonra atinge-me ainda além da morte».

Deu-se a êste monumento, e com razão, o nome de «espantalho»; e foi como «espantalho» que o conservaram; por tôda a parte se tem apagado sumàriamente o nome dos Romanoff e tudo o que pudesse lembrar tal nome tem sido destruido ou modificado; a Rússia é uma terra de pedestais sem estátuas; é freqüente verem-se grandes sócos de granito, sobrepujados outrora por gigantescos Golias, servirem agora de base a minúsculos Davids modelados em gesso.

O Museu comunista do Imperialismo serve de propaganda bolchevista contra o próprio Imperialismo. Nêle se encontram — cuidadosamente conservadas e expostas scientificamente, como num museu de história natural, em que os animais empalhados se nos apresentam rodeados de flores e de verdura, no mesmo scenário em que viviam — a autocracia e a aristocracia russas. E como poderíamos nós tomar a sério êsses

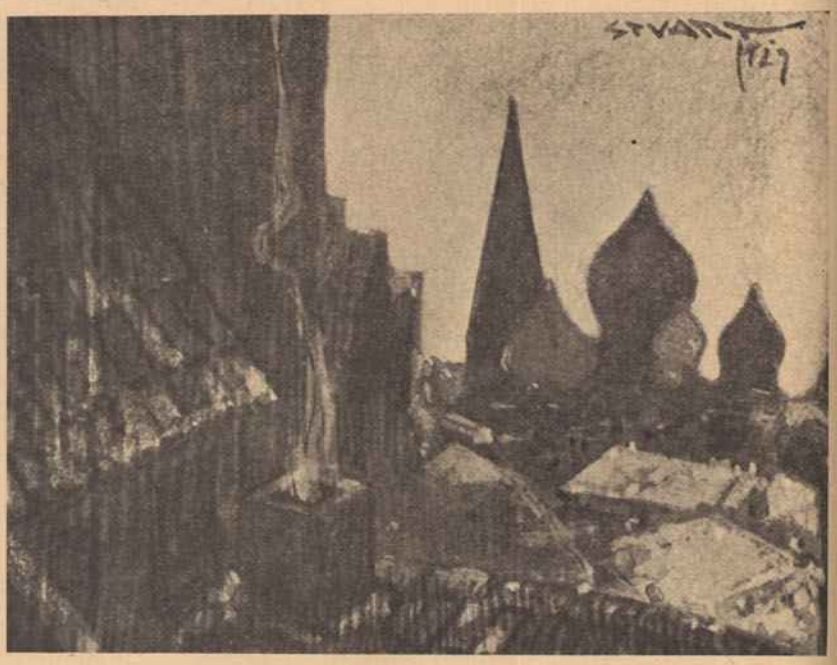
velhos monarcas focados assim na sua crueldade, nos seus hábitos, no seu luxo e, sobretudo, na sua vulgaridade?

A capital dos Tzares está pejada de palácios reais porque todos os Romanoff, de há dois séculos a esta parte, foram grandes construtores. Todos êsses edifícios se parecem uns com os outros. E nos mármores, nos espelhos, e no seu grandioso desconfôrto lembram-nos os grandes palácios da Espanha e da Itália. O palácio de Inverno, mesmo agora como Museu, não perdeu o seu ar formidável e sombrio; aqueles que habitaram esta noite imensa e triste, pouco mais alegria deviam ter que os presos alojados agora nas células dos seus subterrâneos.

Os palácios de veraneio, construídos nos arredores da capital, eram mais alegres, sobretudo os que foram mandados construir por Pedro o Grande e Catarina II, os mais enérgicos dos Romanoff.

Tsarskoie-Selo, que Nicolau II habitou com a sua família, não é mais que um conjunto de salas suntuosas e bem iluminadas, dispostas de enfiada, a formarem uma imensa galeria; pelo contrário, Peterhof, com os seus jardins e jogos de água mais extraordinários ainda que os de Versailles e com uma deliciosa vista sôbre o mar, é a mais encantadora de tôdas as residências reais. Aí habitou em último lugar, nas salas destinadas aos hóspedes de distinção, o presidente Raymond Poincaré, em Julho de 1914, poucos dias antes de estalar o ciclone que varreu todos os Imperadores. Mas esta data aparece-nos, agora, como anti-diluviana. Nada, com efeito, dá melhor a impressão do caminho percorrido nestes últimos anos, pela Rússia, do que esta visita dum Presidente da Repblica ao Tzar de tôdas as Rússias. Isto foi ainda ontem. Hoje todos os palácios e residências imperiais estão abertas aos turistas e visitantes. Faz-se pouco de tudo aquilo; é ver o ar trocista dos camaradas que deambulam pelas salas.

Uma mulherzita que nos serviu de guia no palácio de Tsarskoie-Selo, preguntava-nos se não achavamos tudo aquilo horrível. «Não tinham nada de bom gôsto. A Tzarina era doida e o Tzar um pobre diabo. Êste retrato de Maria



Antonieta foi o presente de núpcias que o Presidente da República francesa mandou à Tzarina. Pode dizer-se que foi bom profeta... Se eu a conheci? Ela e tôdas as outras. Por último tinha-se feito espírito; êle tinha-lhe medo. Foi por esta porta que êles saíram, quando se foram por uma vez.

Mostraram-nos tudo o que êles deixaram atrás de si — conservado com requintes de cautela — tudo: os vestidos nos guarda-roupas, os livros sôbre as mesas, as garrafas nos aparadores, os cachimbos ainda com tabaco e cinza, os brinquedos das crianças, os suspensórios especiais do Tzarevitch. Os últimos dos Romanoff não tinham nada de grandioso, é fôrça reconhecê-lo: eram burgueses, e burgueses de pequeno estôfo.

A Imperatriz, com o seu leito rodeado de ícones; Nicolau, com as paredes do seu gabinete, do seu quarto e da sua casa de banho, ornadas de retratos de família, — tinham os aposentos particulares idênticos aos de milhares de russos. Há muitas casas de lavradores cuja decoração é a mesma que a dos aposentos imperiais.

Usavam realmente tão pouco da ostentação e magnificência real que não podemos deixar de sentir um pouco o seu trágico fim. Não tinham a envergadura bastante para aquele trágico massacre. E pequeno tem sido, talvez por isso, o resultado da lição dada agora pelo museus. Poucas vezes ouvimos na Rússia exprimir qualquer sentimento a seu respeito. Tem-se dito que os russos não colaboraram na tragédia. «Eram os bolcheviques». Uma vez um camponês disse-nos: «O paisinho merecia a morte só por nos ter arrastado para esta guerra e para tudo o que veio depois».

Os camponeses que habitam êstes palácios, parecem desinteressados, faltos de curiosidade. Não manifestam piedade nem malícia. Vão lá em massa, em «excursões educativas», que são um sinal dêstes tempos. Os palácios estão tão bem cuidados e conservados que em Tzarskoie-Selo o visitante é obrigado a calçar por cima das botas ou sapatos, uma espécie de pantufas de feltro para poder entrar nos aposentos imperiais. O cortejo desfila sem parar: e a caneta com que o Tzar assinou a sua abdicação é objecto de menos interêsse do que o trenó do Tzarevitch.

Idênticas procissões visitam as galerias interminíveis de L'Ermitage. É, como qualquer das outras residências, um incomparável museu de arte, onde eu tive ocasião de surpreender o contacto entre a multidão e as obras-primas. Mal se podiam distinguir os quadros devido à enchente de visitantes; e foi nos olhos inocentes dêsses russos que eu pude distinguir uma infinita variedade de «Pietás» de Fra Angélico, de coloridos delicados de Rafael e Leonardo e de claros-escuros de Rembrandt. A massa da terceira internacional, em contemplação diante da primeira: — a internacional da Arte!

Cada grupo era acompanhado por uma conferencista; os visitantes, calmos, só se moviam em conjunto, mas emanava dêles uma estranha sensação de posse, uma demonstração impressionante do proletariado, preparado para receber a alta cultura. Pareciam dizer-nos, com o orgulho dum milionário que adquirisse um manuscrito de Keats: É nossa a glória de possuir qualquer coisa mais rara que o amor do Poeta!

Os palácios fidalgos que marginam canais e perspectivas constituem também importantes museus onde se nos apresenta a vida e os costumes da aristocracia. É preciso visitá-los para conceber a lenda da magnificência medieval da velha Rússia. Os Romanoff viviam como insignificantes burgueses; mas as altas famílias da côrte possuíam um estado de imperadores. E era o seu esplendor que tornava mais profundas as trevas da Rússia.

Do palácio Jussupoff, da Noika, onde o príncipe Felix matou Rasputine, e cujo teatro particular se conserva intacto, foi recentemente exumado das caves onde tinha sido enterrado, um serviço de mesa, todo de ouro, para 300 pessoas. Os estabelecimentos da comissão de Estado regorgitam de baixelas de oiro e prata, de tesouros de Igrejas, de ícones, tapeçarias, brocados, todo o precioso recheio do imperialismo russo, a que os revolucionários nem sabem o que hão de fazer.

Graças ao gôsto cosmopolita das grandes casas

da aristocracia, a Rússia é hoje uma verdadeira terra de museu. Nas mais longínquas cidades da província, existem galerias repletas de tesouros das residências particulares, alguns dos quais são únicos.

Nos palácios Chaplinkine e Morosoff, de Moscou, encontram-se quadros franceses modernos que realçariam qualquer colecção da França.

Todos os velhos museus estão de tal maneira pejados de telas de mestres antigos que parecem transbordar. Nos seus sótãos e subterrâneos há tesouros que fariam a glória de muitas galerias americanas.

Os proprietários das galerias despojadas estão mortos ou ausentes. A Rússia proletária não precisa dêles e nem êles encontrariam lugar nela. A finalidade da guerra social foi o aniquilamento da antiga classe privilegiada. E aqueles que sobreviveram, os mais felizes, que conseguiram escapar às cóleras do novo regime, ocupam um ou dois aposentos nas suas antigas moradias. Alguns, como o príncipe Obolenkin, que dirige um serviço financeiro do Estado, bem como alguns banqueiros, engenheiros, técnicos e professores, entregam-se com ardor ao desenvolvimento do sistema comunista.

Subsistem ainda alguns bispos da velha hierarquia eclesiástica. Os primeiros bolcheviques perseguiram com furor os dignitários ortodoxos que tinham feito causa comum com os antigos senhores; mas os padres — cuja situação é miserável nas grandes cidades — tinham saído do povo, e nenhuma propaganda religiosa conseguia até agora fazer-lhes perder na nova ordem social, o seu antigo caracter.

De facto, poucos sobreviventes restam das antigas classes superiores, se tivermos em conta as centenas de milhar de aristocratas que foram massacrados ou morreram de fome, os milhares desterrados para a Siléria ou encarcerados e os cinco milhões de refugiados russos, espalhados por todo mundo.

Há, porém, ainda na Rússia, alguns restos da burguesia, da velha classe média: funcionários, comerciantes, pequenos proprietários, tudo aquilo que é costume dizer-se, que constitui a base da ordem social. Viviam não em palácios mas em confortáveis moradias idênticas àquelas que ocupam as 43 circunscrições de operários e crianças de Kameni Ostrov, um dos arrabaldes de Leninegrado. Mas os que habitavam essas casas e as vivendas do campo, burgueses próspero, cujos retratos se vêem ainda nas salas dos clubes operários que ocupam as suas residências, onde estão êles e os seus filhos?

É difícil responder a esta pregunta porque o viajante raro encontrará alguém que não pertença dalgum modo ao govêrno. Num Estado comunista nem todos são comunistas, mas o homem ordinário que seria útil interrogar, está quási sempre ao serviço do sistema. Explora um hotel do Estado, um armazem oficial, dirige uma indústria, ou trabalha numa repartição do govêrno. Se está fora da engrenagem, foge dos estrangeiros como quem foge da peste, pois tem razões para temer as conseqüências de tal convívio.

Leninegrado, que é hoje um museu dos usos hábitos da Côrte, será, também, dentro de pouco tempo, um centro de cultura da União soviética. É aí que se encontram a Academia das Ciências, as grandes colecções históricas e scientíficas e uma velha Universidade.

A capital foi outrora um centro literário onde se reuniam as maiores inteligências. Ela possui ainda, contràriamente ao resto da Rússia, um tom ocidental de classicismo e de alta cultura, sendo, além disso, uma das mais ricas capitais da Arte. É, pois, natural que se produza aí uma concentração de sobreviventes do passado. Os velhos professores, os conservadores de museus e bibliotecas, encontram-se ali em grande número. Com um ar de educação que ali não é vulgar, conhecem várias línguas, teem certas maneiras que os distinguem dos outros empregados do Estado.

O proletariado conserva nos seus lugares alguns burgueses. É por isso que há muitos médicos, professores, contabilistas e outros funcionários que ocupam o mesmo posto há vinte anos, e mais. Estão como perdidos na massa e, sem dúvida, esquecidos, até que uma «razzia», no género das prisões em massa que se seguiram ao rompimento de relações com a Inglaterra, revele a sua existência, como um raio de projector que os fizesse sair da sombra.

É também um sinal dos tempos e da permuta de valores sociais, o facto de ninguém ousar fazer qualquer pregunta, sem ter quási a certeza da resposta que lhe será dada. Ninguém fala de melhores tempos, do tempo antigo. A ditadura do proletariado suprimiu a liberdade de todos, excepto da classe operária. Os outros desaparecem e agitam-se como sombras, à semelhança das classes inferiores, noutras organizações sociais. Tal é o preço da ditadura de classe, a mais opressora de tôdas, porque identifica sempre o indivíduo com a classe a que êle pertence.

Acontece-nos, por vezes, conversar com um membro das classes oprimidas, e podemos assim lançar um olhar rápido como um relâmpago, sôbre o estado de espírito da minoria russa que não faz parte do proletariado. Um tipo desta classe é, por exemplo, o tímido adolescente, cujo pai foi um funcionário do Tzar ou um proprietário.

«Somos uma geração perdida», disse-nos um dêles com o encolher de ombros fatalista da gente eslava; «eu era criança no tempo da revolução. Não tenho nenhuma inclinação para o antigo regime, e muitos rapazes pensam como eu. Nós gostaríamos até de trabalhar com o govêrno; somos russos e êles são os dirigentes da Rússia. Mas nada é a nosso favor. Consegui escapar às suspeitas e ninguém me persegue, simplesmente porque me ignoram. Se não há trabalho que chegue para os outros, como posso eu esperar encontrá-lo? Somos filhos de nossos pais e, por isso, morremos antes de termos vivido. Quanto mais cedo nos formos, melhor».

Um outro ocupava um lugar na marinha imperial e, com o novo regime, parece ter prosperado. Pôs-se a rir quando lhe preguntamos que tal se dava um antigo burguês com a nova ordem social.

«A minha mulher sofre, respondeu êle, porque a sua vida é uma intensa luta para educar os seus filhos segundo um código e um sistema de educação que ela considera insuficientes. Quanto a mim, tanto se me dá. Se vivesse em Moscou não me aguentaria. Talvez pensasse doutro modo se não pertencesse à engrenagem do arsenal. Eu vejo bem a sorte trágica da minha classe, mas, a pesar de tudo, o que marca é o grande impulso novo. Devemos lembrar-nos de que todo o descontentamento dos velhos tempos tinha a sua origem na classe média. Antes de morrer já Lenine tinha compreendido que, se tal classe não serve para fazer uma revolução, é sempre útil para a consolidar. Talvez que êle se servisse delas hàbilmente. Mas deixemos correr o tempo. Nenhum govêrno tem aprendido melhor do que êste a rectificar os seus próprios erros».

Eis aqui a Leninegrado de ontem e os seus espectros. A Leninegrado de hoje só se vê bem de noite, quando o passado e os seus esplendores se esfumam nas trevas dos vastos «squares» e das águas marulhentas do Neva. Então a mocidade enche a perspectiva Newsky, mal iluminada, e freqüenta os cafés, os cinemas, os dancings. O ambiente é menos austero do que em Moscou, onde a vida nocturna não existe, excepto nalguns restaurantes nocturnos de dansarinas tziganas e nos salões do hotel Bolschaya Moskowska, freqüentado por estrangeiros e novos ricos, e que é pertença do Estado. Os comunistas não admitem os prazeres burgueses; mas em Leninegrado dansa-se tôda a noite, no terraço do hotel da Europa e os cafés enchem-se de gente.

Nos seus dias de esplendor a melancolia da cidade dos Tzares devia ser maior; os seus dourados suportavam mal a humidade do clima; o terror e a tragédia pesavam sempre sôbre a côrte. Os Romanoff foram sempre carácteres um pouco deprimidos, sombrios e violentos, por vezes; a magnificência dos senhores eslavos tinha qualquer coisa de terrível. A intriga, a baixeza e a espionagem eram males endémicos. Agora, ouve-se ainda aí, um eco afastado e ligeiro das velhas dansas russas...

Enquanto Moscou vive atarefada na reconstrução duma nova ordem social, Leninegrado, cidade ainda meio adormecida para tais actividades, disfruta à noite a alegria duma cidadesita de medíocre importância. O «fox-trot» campeia sem preconceitos e bebe-se café num país onde êle já não existe; tem ainda uns restos de delicadeza, de amabilidade. Tal qual uma verdadeira burguesita, esta S. Petersburgo!

(Copyright by Anglo American N. S. — Exclusivo de «Ilustração»).

TABOA QUARTA

ALBUQUERQUE, (de João de Albuquerque) — Cortado: o I terciado em pala: 1.º, em campo vermelho, uma tôrre de prata encimada por uma águia voante, de negro; 2.º, em campo azul um cruzeiro de oiro; 3.º, em campo de oiro cinco gralhos de negro postos em sautor; o II, em campo vermelho, duas palas de oiro.

Timbre: A águia do escudo.

Coupé: au I parti de deux traits: 1, de gueules à une tour d'argent surmontée d'une aigle éssorée de sable; 2, d'azur à une croix haussée et perronnée d'or; 3, d'or, à cinq corneilles de sable posées en sautoir; au II de gueules, à deux pals d'or.

Cimier: *L'aigle de l'écu.*

ALCÇOVAS — Em campo azul, um castelo rematado por um lanço de muralha entre dois torreões, êste lanço rematado por três tôrres, sendo a do centro mais alta, tudo de prata, aberto, iluminado e lavrado de negro.

Timbre: O castelo do escudo.

D'azur, à un château sommé d'un pan de mur flanqué de deux tours, ce pan de mur sommé à son tour de trois tourelles, celle du milieu haussée, le tout d'argent, ouvert, ajouré et maçonné de sable.

Cimier: *Le château de l'écu.*

ALCOFORADO — Xadresado de prata e de azul de sete peças em pala e seis em faxa.

Timbre: Uma águia estendida, xadresada de prata e azul, armada de negro.

Echiqueté d'argent et d'azur de 7 tires de 6 points.

Cimier: *Une aigle au vol éployé, échiquetée d'argent et d'azur, armée de sable.*

ALCOSSER — Partido: 1.º em campo azul cinco flores-de-liz de oiro postas em sautor; 2.º em campo de oiro cinco verguetas de azul.

Timbre: Uma flor-de-liz de oiro.

D'azur à cinq fleurs-de-lys d'or, mises en sautoir, parti d'or, à cinq vergettes d'azur.

Cimier: *Une fleur-de-lys d'or.*

ALDANA — Em campo vermelho, cinco flores-de-liz, postas em sautor.

Timbre: Uma aspa de oiro, sustentando uma flor-de-liz de vermelho.

De gueules, à cinq fleurs-de-lys d'or, en sautoir.

Cimier: *Un sautoir d'or soutenant une fleur-de-lys de gueules.*

ALDERETE — Em campo vermelho, uma cruz florenciada e vasia de prata, bordadura cosida de azul, carregada de oito flores-de-liz de oiro.

De gueules à la croix florencée et vidée d'argent; à la bordure cousue d'azur, chargée de huit fleurs-de-lys d'or.

ALEMO — Xadresado de oiro e de azul de 6 peças em pala e 5 em faxa.

Timbre: Dois fachos de oiro, em aspa, acesos de vermelho e atados de azul.

Echiqueté d'or et d'azur de 6 tires de 5 points.

Cimier: *Deux flambeaux d'or, passés en sautoir, allumés de gueules et liés d'azur.*

ALEMO, (de Diogo Rodrigues) — Esquartelado: 1 e 4 em campo de oiro, quatro palas de vermelho, bordadura azul carregada de oito cruzes de Jerusalem, de prata; 2 e 3 em campo de prata um alamo de verde.

Timbre: Quatro penachos em aspa, 2 de azul e 2 de vermelho, rematados por uma cruz do escudo.

Equartelé: 1 e 4 d'or à quatre pals de gueules, à la bordure d'azur chargée de huit croix de Jerusalem, d'argent; 2 et 3 d'argent à un peuplier de sinople.

Cimier: *Une croix de l'écu soutenue de quatre panaches, passés en sautoir, 2 d'azur et 2 de gueules.*

ALFARO — Em campo vermelho três pescoços e suas cabeças de serpe de prata, atados de oiro, a cabeça do meio montante, as dos lados em fugida.

Timbre: Os pescoços e cabeças de serpe do escudo.

De gueules à trois cols et têtes de bisse d'argent, liés d'or; celui du milieu à la tête montante, les deux autres aux têtes adossées.

Cimier: *Les cols et têtes de bisse de l'écu.*

ALVARO, (de Espanha) — Partido: 1.º em campo de oiro, dois troncos de verde em pala, esgalhados e alinhados em faxa; 2.º em campo azul um crescente invertido de prata.

Parti: 1.er d'or, à deux écots de sinoples en fal rangés en fasce: 2, d'azur, à un croissant versé d'argent.

ALMA — Em campo azul, três fachos de oiro, acesos de vermelho, postos 2 e 1.

Timbre: Dois fachos do escudo, em aspa e atados de azul.

D'azur à trois flambeaux d'or, allumés de gueules, posés 2 et 1.

Cimier: *Deux flambeaux de l'écu, passés en sautoir, et liés d'azur.*

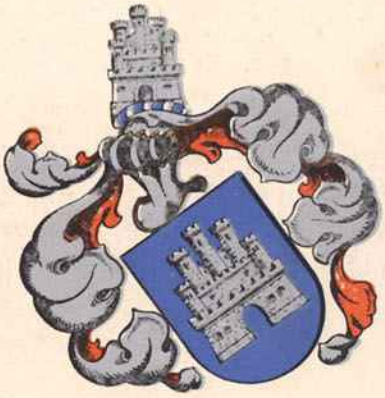
ALMA (2.º ramo) — Em campo vermelho seis fachos todos de oiro postos 2, 2 e 2.

Timbre: Dois fachos do escudo em aspa, atados de azul.

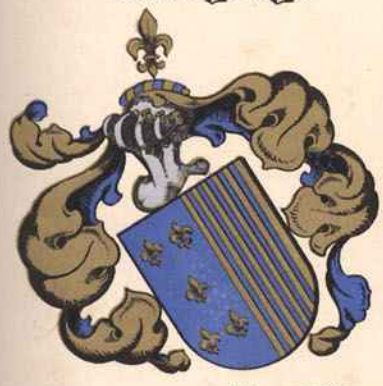
De gueules à six flambeaux d'or, posés 2, 2 et 2.

Cimier: *Deux flambeaux de l'écu passés en sautoir et liés d'azur.*

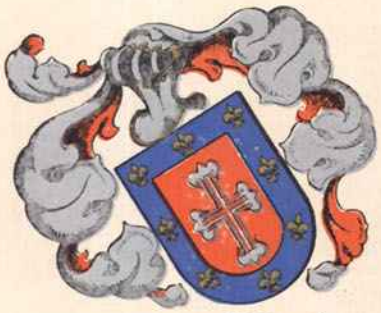
Albuquerque


Alcáçovas

Alcoforado

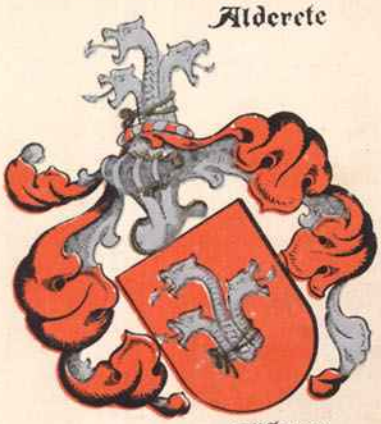

Alcozser

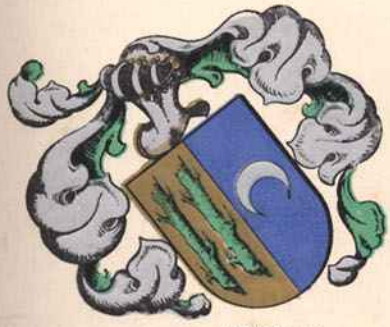
Aldana


Alderete

Álemo

Álemo


Alfaro


Alfaro

Alma

Alma

VIDA SCIENTIFICA

A FLORA DO DESERTO

A flora do deserto é pobríssima, a mais escassa da Terra exceptuando a das regiões polares. Ao contrário do que acontece por quási tôda a parte, em que as espécies vegetais lutam entre si pela partilha do terreno e da alimentação, no deserto a luta trava-se contra as condições físicas desfavoráveis. Só vivem e se expandem as plantas dotadas de faculdades especiais de resistência contra as fôrças físicas ou de grandes qualidades de adaptação. No deserto, o clima é hostil à vida, principalmente por falta de humidade. As chuvas são raras, passando-se anos seguidos sem chover; e a secura que de aí resulta é ainda agravada pelo extremo calor do

Um grupo de belas árvores num oasis

Palmeiras no deserto

verão, pela freqüência e fôrça dos ventos, pelo ardor dos raios solares que nenhum amparo mitiga. Há também escassez de terra vegetal, do que resulta estabelecer-se a vegetação em zonas, separadas por largos espaços de terra nua. Para atravessar certas regiões do Sahará, é preciso transportar no dorso dos camelos as forragens para os alimentar e a lenha para queimar nos acampamentos.

Na flora do deserto devem distinguir-se as espécies próprias de aquela árida região e as que provêem das regiões limítrofes e que se encontram, em geral, nas zonas próximas destas últimas. No Sahará encontram-se plantas que fazem parte da flora do Sudão, mas não as do litoral mediterrânico, separado do deserto pela alta cordilheira do Atlas. Aqui o transporte das sementes é feito quási exclusivamente pelos ventos, porque as aves e, em geral, a fauna escasseiam. As altas montanhas detêem o vento carregado de gérmens.

Para viver no deserto, certas plantas modificam a sua estrutura e encurtam o seu período de vegetação aos escassos dias em que o clima permite que o terreno mantenha certo grau de humidade. Nesse breve tempo, aquelas plantas germinam, florescem e frutificam. Muitas delas ficam, por isso, rastejantes. Outras, de sua natureza vivazes,

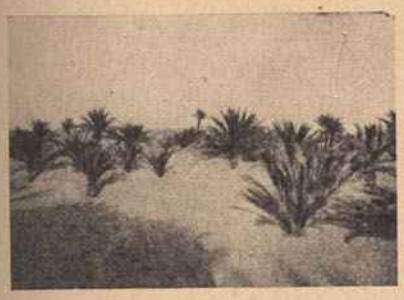
No Sahará: *Tamarix articulata*

transformam-se em plantas anuais. Outras armazenam certa porção de água nas folhas espessas, carnudas, e prolongam a própria vida até que se esgote essa reserva líquida. Outras tomam grande desenvolvimento de raizes, observando-se ervas de pequeno porte que estendem o seu aparelho radicular até à profundidade de dois metros.

Para diminuir as perdas por evaporação, há plantas que reduzem a folhagem ao mínimo, ou cobrem as fôlhas de cutículas espessas, pouco permeáveis, que mascaram a côr verde da clorofila com um tom acinzentado. Às vezes é um manto de pelos que exerce essa acção protectora. Há árvores que são interessantes pela sua pequenez e diminuta folhagem, já por serem raras as fôlhas, já pelas pequenas dimensões destas em superfície. Há plantas reduzidas ao estado de moitas lenhosas, como que de esqueleto, as quais, no entanto, revivem quando vêem as chuvas.

As planícies da areia têem vegetação rara, raquítica, de côr acinzentada; são pequenos arbustos cujas fôlhas e caules se cobrem de pelos. Nos terrenos salgados, não há vegetação; quando, porém, neles se formam montes de areia, aparecem plantas de fôlhas espessas. Algumas cobrem-se de secreções salgadas, e por êsse meio fixam um pouco da escassa humidade atmosférica. Nas dunas encontram-se pastagens, em parte formadas de plantas de fôlhas rígidas, longas, como as dos juncos. Nos vales entre montanhas é a vegetação mais rica e variada, de ervas e de árvores; e em alguns pontos onde existe água torna-se abundante a vegetação de gramíneas, aparecem os canaviços e elevam-se belas árvores em pequenos grupos.

F. MIRA.



Palmeiras enterradas na areia

As vegetação de um vale no deserto

CRÓNICA MUSICAL

FACTOS — IMPRESSÕES — OPINIÕES

PREÂMBULO — AS TARDES SINFÓNICAS DO TIVOLI — PRIMEIRAS AUDIÇÕES E MAIS DOIS NOMES: HONEGGER, BÉLA BARTOK — CONCÊRTO RUI COELHO

Todos os acessórios que formam o scenário exterior, na penumbra: sonhos, projectos e carinhos focados pela luz do pensamento a vibrar; e os apontamentos da crónica já em ordem para o trabalho, solitário, julgo eu, no relativo da palavra, — quando surge dum canto uma sombra que estranho, sem parentesco com as sombras minhas costumadas... Se é que chega a ser sombra!... Sombra duma sombra, antes... Mas assim mesmo não tenho olhos para mais nada; ela é a hóspeda que o mistério me impõe, a intrusa, e ao mesmo tempo não queria que se sumisse sem explicar quem é, ao que vem, o que pretende...

«Ah! ah! ah!» cicla-me ela como num sarcasmo. «Tens mêdo que me vá, e tens mêdo que fique, e não receias melindrar-me, mostrando que só hoje dás por mim, tu, minha filha, minha escrava quási sempre, raras vezes minha dona!...»

E reparo agora que na aparente imobilidade, balia e gira como os átomos num raio de sol...

«Sossega, inteligência espessa... Achei graça em intrigar-te, já que estamos em Carnaval, a ti, que andas atrelada a mim desde que fôste gerada, — como tudo e todos, visto que nada existe fora do Tempo, — e já que és cronista vou agora brindar-te com uma entrevista...»

Entrevista... musical? Não sei se me atreva a preguntar...

Outra risada impertinente da sombra, que parece decididamente humorista, cheia de capricho e das conseqüentes surprêsas. Penso eu como é possível que o Tempo esteja alegòricamente representado por um velho descarnado manejando uma foice!

«Isto é que se chama querer aproveitar o Tempo!... Sim, tu lhe darás um geito, não duvido. Mesmo, eu devo à Música um especial tributo; mais do que qualquer das Musas suas irmãs ela vive exclusivamente de mim, depois de criada como enquanto se está criando. Mas não saberei encerrar-te assim num único aspecto. Nestes tempos de individualismo exasperado em que todos reclamam por si, não fujo à regra! Desde milhares de anos, assemelharam-me às alternativas periódicas de noite e de dia, de estações, e de luas, dividiram-me em anos, meses, semanas, horas, minutos e segundos, mecanisaram-me, encerraram a minha pulsação livre na pulsação fidiota dum relógio sem alma!... Quando eu tenho afinal uma vastíssima alma variada ao infinito, repartida por todos como o Pão Divino, com incalculáveis possibilidades de diversidade!... Há estações inteiras que se sucedem para alguns sem o valor dum verdadeiro acontecimento a testemunhar da sua passagem... Há obras que levam anos e anos de investigações preparatórias; há minutos em que se revela o sentido dum destino, a solução dum problema vital. Para todos o combóio parte à mesma hora, — mas os minutos de despedida para quem tem pressa de partir parecem horas, e para quem deixa saüdades parecem segundos, ficando os primeiros em nada depois da partida, e os segundos numa visão que não se apaga...»

Noto que de humorista o meu interlocutor subiu ao lirismo, abrandando depois no sentimental. E vou pensando por minha conta na amplitude inaudita da curta soma de anos de existência dum Mozart, dum Schubert, dum Chopin, mais ainda dum Beethoven, embora fôsse um pouco maior o seu tempo de vida... Penso também na sensação de comprimento que deixa uma obra interior ou uma má execução, e na ligeireza com que o tempo vôa em caso contrário, até que se alcance a impressão culminante em que parece que o tempo parou...

Entretanto foi esmorecendo o embalar da voz que me acompanhava. Busco em vão, — a sombrasinha ténue sumiu-se!... Mas do que ela disse ficou-me melhor vontade de tolerar os relógios e os seus inevitáveis «tiques-taques», — procurando harmonizar-me apenas com o que os seus mandamentos têm de imprescindível...

* * *

Tanto é verdade o tempo não correr igual para todos, que a actividade de Pedro de Freitas Branco dá ao nosso movimento sinfónico um incremento cujos benefícios valem por não sei quantas épocas anteriores. As primeiras audições continuam sucedendo umas às outras, procurando interessar o público pelas diversas tendências da música moderna. O que houve de mais transcendente sob êsse aspecto modernista foi o «concertino» do suiço Honegger, para piano e orquestra; duas páginas do húngaro Béla Bartok, «En pleine fleur» e «Danse villageoise»; e a 2.ª «suite» para pequena orquestra, do russo Stravinsky. Esta «suite» de Stravinsky, que é russo mas vive na Babilónia que é Paris, é francamente «bouffone»; com a sua firmeza de ritmos, achados de orquestração e voluntária palhacisse, só um grande músico seria capaz de escrevê-la, mas nenhum músico, nem pequeno nem grande, pode achar nela o que ela não tem: finalidade verdadeirametne musical. O «concertino» de Honegger, êsse, é que pela perfeita estrutura, a originalíssima junção de estilos a formar, não sei por quais artes subtis, um estilo só, coerente e fino, a orquestração ordenada a dentro de certas extravagâncias propositadas, é um modêlo de elegância e maestria de compositor; nele, a nota humorística, — porque tem-na também, — é episódica apenas. No piano a solista, madame Marie Levêque de Castelo Lopes foi uma intérprete ideal, uma colaboradora «hors ligne».

As peças de Béla Bartok interessaram vivamente; mas o ambiente, tão diverso daqueles a que estamos costumados, desnorteou-nos um pouco. Manda a probidade que esperemos mais amplo conhecimento. Se nos lembrarmos de que Liszt era húngaro, como Béla Bartok o é, devemos acentuar que êste vai inspirar-se em fontes absolutamente diferentes.

Primeiras audições, sempre tivemos um trecho, a «Scena da Valsa», da «suite» a intercalar numa comédia «Intermezzo», música de Ricardo Strauss. Não sabemos exactamente como alternam a música e o diálogo no «Intermezzo», mas dum modo geral não seria R. Strauss o iniciador; cremos, contudo, que vai mais longe do que Massenet, por exemplo. Achamos que a idea é original, e que podia ser fértil. A «Scena da Valsa» apresenta musicalmente a invenção fácil e esfusiante dum magno artista em férias, com passagens onde se revela o incomparável poder de orquestração de Ricardo Strauss.

E tivemos uma «Suite» de Rosini-Respighi, «La boutique fantasque» (o mesmo Rossini do «Barbeiro de Sevilha»); a abertura do «Segrêdo de Suzana», de Wolff-Ferrari; o «Rondó Arlequinesco», de Busoni, o grande pianista, qualquer das três músicas menos transcendente mas que preencheu o seu lugar sem fazer má companhia; a «Sérénade Italienne», de Hugo Wolf, a abertura do «Príncipe Igor», de Borodine, orquestrada por Glasunov, a Introdução de «Khovanchtchina», de Mussorgski e a sua Introdução, também de «Sorotchinist», a subir um ou dois pontos na importância, e dizendo com o conceito em que temos os autores.

Pela técnica segura e brilhante, o relêvo interpretativo, a emoção, mencionaremos, embora não fôssem primeiras audições, o «Prélude à l'après midi d'un Faune», de Debussy, o «Ballet des Sylphes» e a «Marche Hongroise», de Berlioz, a 8.ª sinfonia de Beethoven (que ainda há-de crescer em perfeição), a grande «Fantasia» de Schubert, para piano e orquestra, com a colaboração de madame Castelo Lopes, e a «Cavalgada das Walkyrias», de Wagner. Esta nomenclatura, com a sua variedade que não foi calculada, põe em evidência a excepcional riqueza do temperamento musical de Pedro de Freitas Branco e a sua organização nata de chefe de orquestra, ao que se acrescenta a valorização duma cultura intensa e cremos que contínua.

* * *

Dois parágrafos ainda para nos referirmos a uma interessante apresentação de obras portuguesas: o concêrto em que Rui Coelho nos dava a audição integral dos seus «lieder» na Liga Naval o no fim do ano passado. A personalidade vincada de Rui Coelho afirma-se em certas obras pequenas com uma intensidade e ao mesmo tempo graciosidade, — ou lirismo, conforme os casos, — que lhes dá vida duradoira. Foi intérprete de quási todos os «lieder» a soprano Arminda Corrêa, belíssimo timbre, boa escola, dicção perfeita, sentimentalidade muito portuguesa.

Da «Sonatina» para piano que Rui Coelho incluiu no programa em primeira audição, dizemos, cremos que de acôrdo com o autor, que não tem condições de vida.

E tem de ficar para a próxima crónica, além doutras impressões sôbre concertos em perspectiva, o que foi a estreia dos concertos Beethovenianos por Viana da Mota, com a colaboração de Paulo Manso e Fernando Costa, e a apresentação da célebre pianista Maria Antónia de Castro.

FRANCINE BENOIT.

IMPRESSÕES DA MADEIRA

UMAS HORAS EM SANTA CRUZ

SANTANA, JARDIM DE HORTENSES

Uma casa típica na Madeira

MANHÃ cêdo, à luz macia dêste dia de sol, o automóvel, lesto como uma avestruz, leva-me para longe do Funchal. Em pouco menos de meia hora, vence os vinte e quatro quilómetros que separam o burgo madeirense da vila que eu procuro: Santa Cruz. E esta é uma das mais remotas vilas, de entre tôdas as da ilha.

O passeio agrada, aligeirado pelas carícias matutinas do ar do mar. O ambiente anda embriagado de vida livre. E o panorama desenrola-se, ante mim, como um livro incomensurável, no qual, atento, reúno as vogais dos acidentes do terreno e as consoantes da variedade de campos, cìosamente cultivados, reconstituindo prontamente o alfabeto da Natureza da Madeira, abundante de aspectos, rica de scenários. E o automóvel avança sempre, seguindo a direcção de leste, como se fôsse em demanda do Sol, o Astro-Rei ou Estrêla-Mater, que atira para cima dos acinzentados Desertos, ao longe esboçados, um manto de rútilos reflexos a engrinaldar a periferia do círculo em cujo centro me encontro.

O percurso é longo, feito como é em lanços de estrada que contornam as ribeiras até ao leito pedregoso e sêco, escalando-as, depois, num arranco de sobranceria e num anseio de domínio das alturas. Ondulante em tôda a extensão, o caminho tem rodeios de serpente.

*

Atravesso S. Gonçalo, uma das mais interessantes zonas limítrofes da cidade. Depois vem Nossa Senhora das Neves, e uma série de ribeiras, próximas umas das outras: — Ribeiras dos Peornais, da Boavista, da Quinta e do Furado.

Sigo paralelamente ao mar, vendo, lá ao fundo, a Ponta do Garajau, com o seu Cristo de mármore, em tamanho natural, mandado executar a um escultor francês modernista pelo sr. Aires de Ornelas, dono das propriedades circunvizinhas.

A Cancela Belas-Artes abre a entrada para a Quinta do Palheiro do Ferreiro, ou simplesmente Quinta do Palheiro, como é designada vulgarmente. Extensíssima e ascendendo a mais de setecentos metros, apresenta uma rica arborização e é aberta, ao público, apenas uma vez no ano, no dia Primeiro de Maio, dia dedicado a folias no campo, segundo um costume antigo da gente da terra.

Mas não visito agora essa Quinta, pertencente à muito falada freguezia do Caniço, o qual cabe no meu itinerário de excursão, com a sua ribeira. E lembro que, conforme me afirmaram, costuma cair o poder do mundo no primeiro domingo de Setembro, em celebração da animada romaria de Nossa Senhora do Livramento, no Caniço, lugar em que houve outrora uma extrema abundância de ervas chamadas «carriço», ao que não deixa de se referir Manuel Tomás, no poema «Insulana»:

> Um lugar depois neste carriço
> Por corrução se chamará Canisso.

Espalham-se tôdas estas antigas terras de sesmarias e tôdas estas velhas fazendas. Mais ribeiras. Numa delas fica Pôrto Novo, com as suas casinhas coloridas e os seus recortes frescos de vegetação, numa curiosa descida para o mar. Umas centenas de metros depois, temos o sítio de Gaula, começando, então, a descobrir-se, para longe, a Ponta de S. Lourenço, numa mancha escura. E, finalmente, surge a Ribeira de Santa Cruz, a cortar a vila do mesmo nome.

*

Porque se chamará de Santa Cruz esta vila?

Concedeu-lhe D. Manuel os devidos foros em 26 de Junho de 1515, e a sua nomenclatura, coeva da descoberta por Zarco, tem uma interpretação. Folheio as «Saudades da Terra», de Gaspar Fruttuoso, e leio: «...acharam em terra huns cepos velhos que logo fez alvorar em hum alto de huma arvore, dando nome ao logar *Sancta Cruz*, onde ao depois se fundou uma nobre villa...»

Venho encontrar, no largo do Município, em frente ao jardim público, um cruzeiro de pedra, com a data de 1850. Êste cruzeiro sucedeu a um outro que um tufão desfez, mas diferente do actual, com as armas dos Monizes, tendo sido provàvelmente um membro desta família que o mandara construir, conforme aventa o segundo volume do «Elucidário Madeirense».

Entro na igreja paroquial, que oferece um aspecto de relativa imponência — uma imponência simples — com as suas três naves, e sustenta um título honroso por ser a maior de tôdas as igrejas da ilha, situadas extra-cidade. Três são as capelas: a capela-mor, a do Santíssimo Sacramento e a das Almas. Duas raparigas, filhas do povo, rezam, os breviários abertos, ajoelhadas aos pés da Virgem. E eu subo à tôrre, não para interromper o merecido descanso do sino, mas para contemplar, lá de cima, um agradável panorama sôbre vários pontos da vila.

*

Parte destas minhas horas, consagradas a Santa Cruz, passo-as na praia, de areia basáltica, severa e triste. Daqui eu podia ir ao Santo da Serra, um dos mais belos pontos da Madeira. Mas prefiro dar uma volta pela vila, na qual, para estabelecer contráste com as formosuras locais, que tanto entusiasmaram os mantas portuguesas:

> Foy hum sancto Patibulo precioso
> Por mando do Zarco fabricado.

*

Entro em Santana, por ocasião da festa do orago.

Durante mais de cinco horas o «Gavião», barco de carga improvisado para transporte de passageiros, costeara o litoral leste. A partida fizera-se à uma da madrugada e, assim, foi entre trevas e sombras que ante mim desfilou tôda essa massa escura, indistinta e embrulhada num manto de silêncio esfíngico. Uma visita agradável do vento, que corria para aquêles lados, reúnia armas mais poderosas que o sono. Atrás do sono viria o sonho, e, decididamente, não estou em boas relações com Morfeu. Mal acomodado no convés, êstes segundos parecem minutos e êstes minutos têem a expressão de horas inteiras.

— Já vamos muito longe?

— Em Machico, meu senhor.

Depois de Machico veiu o Caniçal. Passamos a ponte de S. Lourenço, com o seu Farol — ôlho prescrutador a devassar a noite — e a seguir, veiu a costa septentrional. E, à luz clara da manhã que rompe, distingo Pôrto da Cruz com a alta penedia da Penha de Águia e uma praia de areia escura, basáltica como tôda a areia madeirense, mas distinta da restante por se apresentar em grão fino, o que se observa só em mais um ou outro local.

Surge o Faial — um dos melhores cais da ilha. O mar não complica, desta feita, a faina do desembarque. Um bote e dois remos — e eis-nos em terra.

— E Santana?

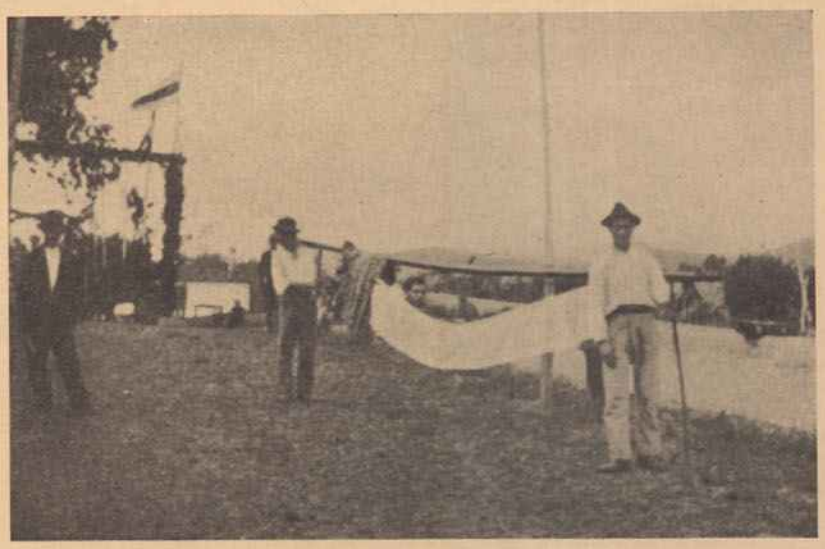
— P'ra ilha três horas de caminho.

A viagem a fazer corresponde a uma ascenção. A freguezia de Santana fica longe e exige para a alcançar, tanto mais que trago uma noite mal dormida, uma «rêde». Venha a «rêde»!

Dois homens, arrimados a fortes bordões, e sustentando uma dessas engenhocas primitivas, transportam-me, num movimento compassado e indolente, até ao ponto em que os romeiros se reúnem. Santana está em festa. O relógio marca meio dia e a festa é de tarde e à noite. Haverá procissão e fogo de vista.

*

Santana é um jardim de hortenses. Tão lindas elas são, aos cachos azulados! Novelos se lhes



Uma «rêde» em Santana

chama cá. Existem, em abundância, no Monte e no Santo da Serra. Mas Santana vence o Monte e o Santo da Serra sob o ponto de vista das hortenses. Inconstantes como o coração feminino, tomam tons débeis ou intensos, conforme a época do ano: desde o arroxeado ao esbranquiçado. No conjunto, as hortenses assemelham-se a um tapete bordado a matiz. Concentradas à beira do caminho e da rua, prestam honras às belezas da excelsa natureza. Santana está sentinelada de hortenses.

Em menos quantidade, aparecem os mimos, brincos de princesa ou, em linguagem scientífica, fúcsias. Mas as flores não se restringem a novelos e mimos. Santana é um perfeito jardim em eterna floração. Dava gôsto aí viver muitos dias de férias, se houvesse um hotel ou uma estalagem com comodidades — já não digo com luxo ou confôrto supérfluo.

Além disso, Santana fica arredada do sul. É uma fregnezia que parece não pertencer a êste mundo. O transporte para o Funchal, em «carrinhos de mulas de arrasto», importa numa fortuna e absorve nada menos de dez horas, se não mais. Uma pessoa parte, de manhã, de Santana e chega já de noite à cidade. Foi o que me aconteceu, por não ter querido regressar por mar. De resto, Santana fica muito distante do

O cruzeiro de Santa Cruz

A igreja paroquial de Santana

litoral, e barcos para êsses sítios só em ocasião de arraial ou festa.

*

O percurso Santana-Poiso-Funchal oferece ao turista magníficas scenas da natureza. A saída da Cova da Roda é simplesmente maravilhosa pelo aglomerado de vegetação que tudo envolve. Depois, temos o Cedro Gordo. Anda-se, anda-se, e aparece o sítio das Cruzinhas. O acidentado do terreno é notável. Um amável «cicerone», tipo de homem do campo, simples e humilde, cita-me nomes de lombos, picos e cabeços. São tantos, tantos, que resolvo não fixar um só. E para quê? Não pretendo desenhar um mapa corográfico, mas vincar notas de paisagem, como impressões dum caminhante que vê e segue sempre, em busca de novos motivos, de novas sensações, de novos efeitos naturais.

O espectáculo continua a manter em labareda viva o espírito. A levada do Juncal abre a entrada para os celebrados balcões do Ribeiro Frio. Lembro-me, com agrado, do passeio que, certo domingo, aí realizei, na companhia de dois amigos madeirenses. Desta vez, não posso ter delongas. O meio de transporte é moroso e a tarde vai caindo.

Subidas as nove voltas do Ribeiro Frio, eis-me no Chão das Feiteiras, amplidão inculta onde (pensam alguns indivíduos) teria bom lugar um campo de «tennis», um hotel e não sei que mais. Tudo ficará certo quando as estradas forem melhores. Do Chão das Feiteiras há já automóvel para o Poiso e daqui para o Terreiro da Luta. O pior é que, de mistura aos multiplos fetos há muito pó. E êste pó é obra do movimento, ainda que reduzido, de autos. E quási chego a odiar a família automobilística, porque onde está ela, estará também o desassossêgo do aparelho respiratório. Enfim, calcem bem as estradas, e tudo se remediará, melhor ou pior.

Mas já agora não abandono o «carrinho de mulas de arrasto», a não ser aqui e além, de acôrdo com o meu companheiro de viagem, para uma imprescindível gimnástica dos membros inferiores, de contrário com tantas horas de caminhada teria de entrar no Hotel, uma vez chegado à cidade, não pelo meu próprio pé, mas de maca e teria de chamar (o que encareceria ainda mais o passeio), um massagista dos mais experimentados.

Por isso, Terreiro da Luta e Monte são as últimas étapes. O Poiso tem a sua Casa de Abrigo, pertencente ao Estado; o Terreiro da Luta possui uma linda esplanada, um monumento a Zarco, o descobridor da ilha, e um outro monumento a Nossa Senhora da Paz. Mas é quási noite — e verei tudo isto com mais cuidado noutra ocasião.

E ao Monte chego já com noite fechada. Desço Santa Luzia em direcção ao «terminus». São e salvo, chego, enfim.

*

Santana tem as excelências de jardim miraculado, construído pela divina mão da Natureza, que tudo dispôs carinhosa e amorávelmente para regalo de quem visita, sob boa estrêla, aquela ridente povoação. A par disso, para onde se vá, mais ou menos afastado dela, tudo prende e domina a atenção. São as quedas de água, são os corregos, são os maciços de verdura.

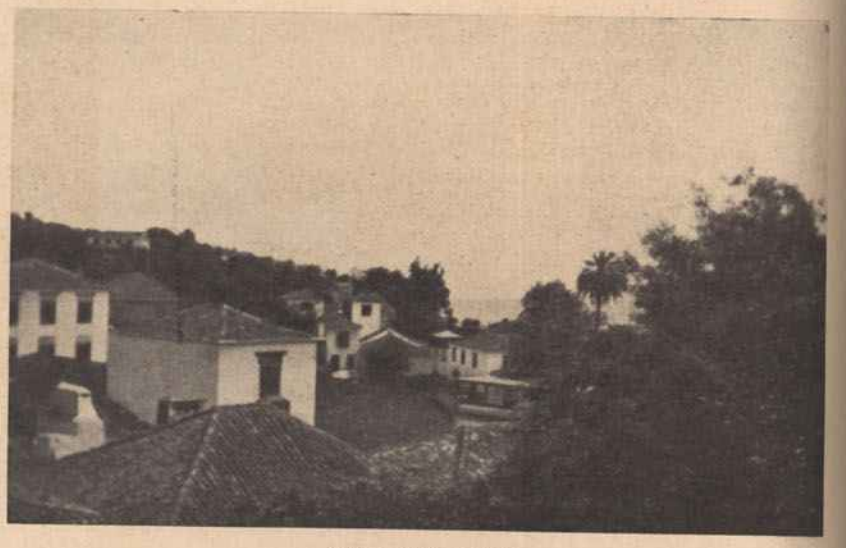
As hortenses estendem-se às Queimadas, núcleo de formosura e de extase. Seguindo a levada, a perder de distância, vi-me, três horas depois, no «Caldeirão Verde». Descrever as dificuldades do caminho não é fácil, porque bem difícil é lá chegar. Bastará dizer que uma «quebrada», rolando lá de cima, inutilizára uma semana antes, na extensão de algumas dezenas de metros, o mainel da levada. Uma criatura deambula por ali, entre a espada e a parede: a parede é a encosta a subir até ao céu, e a espada é o abismo, sob os pés, a atrair como um fantasma que se agarra a quem passa.

O «Caldeirão Verde» é um dos mais afamados recantos da ilha. Atingi-lo é perigoso, sem dúvida, mas vê-lo e apreciá-lo é ver e apreciar uma maravilha esculpida na rocha dura, acariciada pela água que por ela desce, precipitada de alturas que estonteiam.

Santana tem condições invulgares de ponto de turismo. É dotada de belos predicados de paisagem e requere a amizade dos homens. É um jardim de hortenses em que a Natureza é o único jardineiro.

Nas minhas excursões às melhores estâncias madeirenses, não encontro nenhuma como Santana. Há que colocá-la no altar duma merecida devoção.

ADOLFO FARIA DE CASTRO.



Vista da vila de Santana

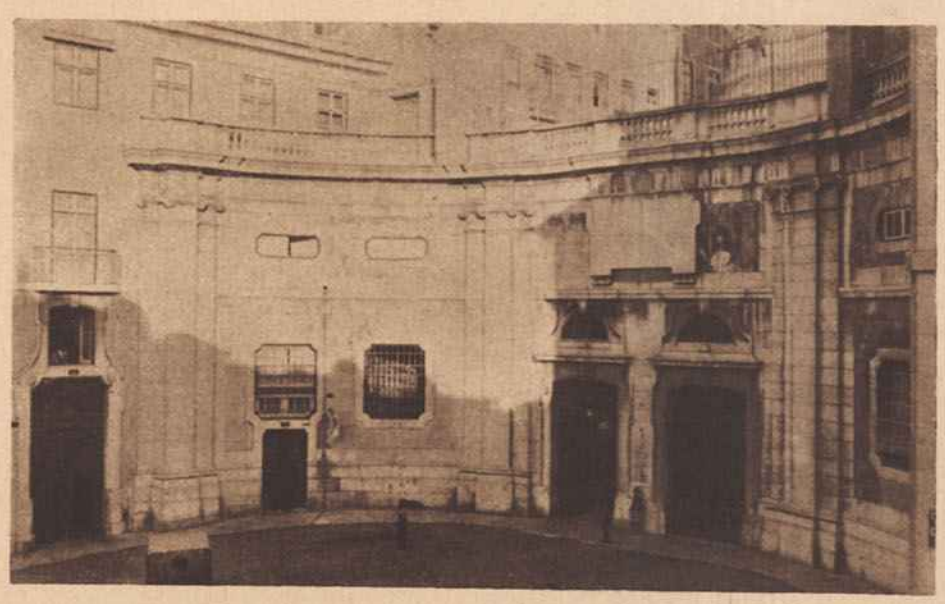
A CASA PORTUGUESA

LISBOA — ARQUITECTURA SETECENTISTA

A direita — IMPONENTE MEIA-LARANJA NA ANTIGA RUA FORMOSA

Em baixo — TRECHOS ROMÂNTICOS, FELIZMENTE CONSERVADOS, DO JARDIM PERTENCENTE AO PALÁCIO DOS CARVALHOS, ONDE NASCEU O GRANDE MARQUÊS DE POMBAL

(Fotografias obtidas com aparelho «Kodak» autográfico).



NO TEJO, À NOITINHA — LAVANDO AS CANASTRAS

(Cliché de J. Martins)

A TERRA PORTUGUESA

NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

XIV — CULTURA CEREALÍFERA *(Continuação do n.º 73)* — O ARROZ

Sementeira no Vale do Sado

Divergem bastante, em regra, os processos e o grau de aperfeiçoamento, atingido pela cultura, para os arrozais situados a norte e a sul do Tejo. Como se disse no artigo anterior são já mesmo as condições climáticas que inferiorizam em grande parte a produção do norte, por natureza menos apta aos fortes rendimentos.

Aqui a água em excesso, em certa quadra, é inimigo com que contar; as cheias dos rios, exemplo o Mondêgo, atrasam com freqüência as operações da sementeira e tornam, desde a origem, precária a colheita; todo o labor é feito, por vezes em luta com a água, imperfeitamente e com grande dispêndio. O trabalho manual domina, carregada a exploração com pesados encargos de mão de obra, e raro é possível introduzir a máquina moderna em condições de um seguro embaratecimento da cultura.

Não assim no Sul, por exemplo nos arrozais do Vale do Sado; o clima é agora mais propício, o regime das águas mais governado e, em grandes extensões, na preparação das terras, como em certos trabalhos culturais posteriores, o emprêgo da maquinaria adequada vai criando raízes, com alívio sensível das despezas. Surgem mesmo iniciativas de novos métodos, como o de sementeira em regos e subsequente amontôa à máquina (que se deve a um orbizicultor, o sr. Esteves, de Águas de Moura); e tende a tomar aqui a cultura o carácter acentuadamente progressivo.

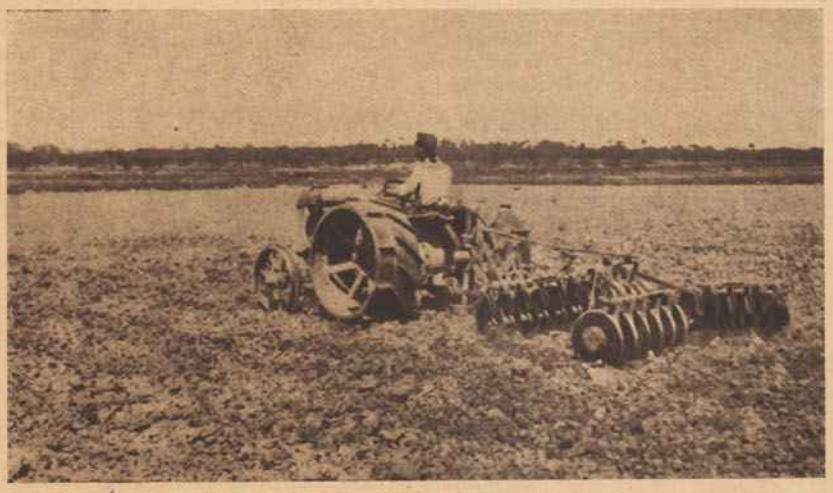
Em qualquer hipótese, porém, ao norte como ao sul o cultivador luta sempre contra determinadas contingências, como sejam na colheita — se esta se demorou porque o amadurecimento da seara se fez tardio — as dificuldades de secar o arroz convenientemente, exposto como fica nas eiras às chuvas outonais. É precalço que inutiliza entre nós muita produção.

Também as sementes não são em regra das melhores, a adubação é imperfeita e, em matéria de águas de rega, a falta de limpeza de muitas valas nos campos alagados ou de baixa cota só por si explica bastantes insucessos. Tem a nossa engenharia hidráulica uma obra de grande utilidade n'essa e quejandas limpezas, somatório de pequeninos dispêndios de técnica, de trabalho e de dinheiro, que não serve evidentemente a imortalizar um quadro técnico de engenheiros; mas nem por isso, uma vez realizada, deixará tal obra de significar para a riqueza nacional e para o bem estar comum um altíssimo serviço, de há muito esperado entre nós.

No ramo agronómico, está modernamente a cultura do arroz em cuidadosa observação, dela se ocupando em especial a «secção de estudo das culturas regulares» da Estação Agrária Nacional. Todos os problemas, desde a escolha da melhor semente (com importações adequadas), até à preparação do solo e a todos os amanhos correlativos, e até finalmente aos cuidados com a colheita, todos os problemas, repito, estão sendo examinados e já, em mais de um caso, uma assistência técnica inteligente e devotada se tem feito sentir. O Ministério da Agricultura, por exemplo, importou no ano passado o primeiro «secador de arroz» e pretende contribuir assim para furtar a cultura às citadas contingências da secagem a céu descoberto: mandou também à Itália técnicos, engenheiros-agrónomos, em missão de estudo orbizícola: assim vai cumprindo o seu dever.

AZEVEDO GOMES.

(Clichés do engenheiro agrónomo F. Benoliel, da E. A. Nacional)



Gradagem nos arrozais do sul — (Águas de Moura)

EM BAIXO: — Restolho de seára de arroz semeado em rêgos, mostrando a pujança da vegetação. (Águas de Moura)

EM CIMA: — Armação da terra na sementeira em regos. — Águas de Moura)

NOS CAMPOS DE BATALHA DA FLANDRES

(NOTAS DE VIAGEM)

(Continuação do número anterior)

O canhão arrazou tudo; em parte alguma esta *terra sanguinis* foi mais sangrada. Alguns quilómetros a nordeste ficavam as primeiras linhas com os gânglios formidáveis de Thiepval, Orvillers, La Boisselle. Albert devia ser um grande bivaque dos aliados, o que explica o desencadeado bombardeamento alemão, semanas a fio. Da cidade, que Leão XIII classificou de Lourdes do Norte, e de quem o bispo de Amiens escrevia recriminatòriamente: *La cité de Dieu et la cité de Satan s'élevaient sur le même sol. Autour de Notre Dame de Brebières l'impiété mêlait ses blasphèmes aux cantiques des pèlerins*, desta cidade marial e socialista, plácida e orgulhosa da sua divisa: *vis mea ferrum*, divisa nada ciceroniana mas verdadeira, não ficaram quatro muros que pudessem abrigar um pedinte. Os obuzes pulverizaram forjas e oficinas, demoliram casas, e, pouco a pouco, a basílica, de quem certo monógrafo dizia: «Procurou-se na natureza tudo o que havia de mais sólido, de mais puro, de mais faustoso, de mais brilhante, de mais atraente, de mais esplêndido; bronzes, mármores, esmaltes, onix, pedras preciosas, ouro, quanto mais! e com estas riquezas do Senhor ergueu-se um poema à Virgem». Ali era o grande centro de romagem de tôda a terra picarda. Como Fátima, como a Lapa, como Lourdes, como tôdas as localidades milagreiras, Albert tinha a lenda doirada e sempre-mesma da Madona que aparecera a uma pastora e que, quando esta ia a despedir o cajado, exclamara: *Tête que me magôas!* Como sempre, acudiram os devotos e as oferendas. Aí por 1890, um arquitecto de talento, discípulo de Viollet-Le-Duc e filhote dos sítios, Edmond Duthois, concebeu aquela magestosa fábrica em estilo românico-bisantino. Enterraram-se ali milhões, mas ao cabo de doze anos, trinta bispos e mil e duzentos padres sagravam o sumptuoso palácio para casa de Maria, mãe de Deus, que fôra tecedeira em Nazaré. Só as coroas que ornavam a sua fronte e a do Menino comportavam mais de mil diamantes e muitos quilos de oiro e prata.

Esta era a Nossa Senhora de Brebières que recebia os peregrinos, as oferendas e fazia milagres, de cima do altar. No recanto do campanário, talhado como minarete, erguia-se outra vez, mas em bronze, doirada, corpulenta de seis metros, mostrando às dez léguas em redondo, do alto dos braços, o divino filho.

Au sommet du clocher d'Albert, la Vierge blonde Plainait royalement sur tous nos alentours.

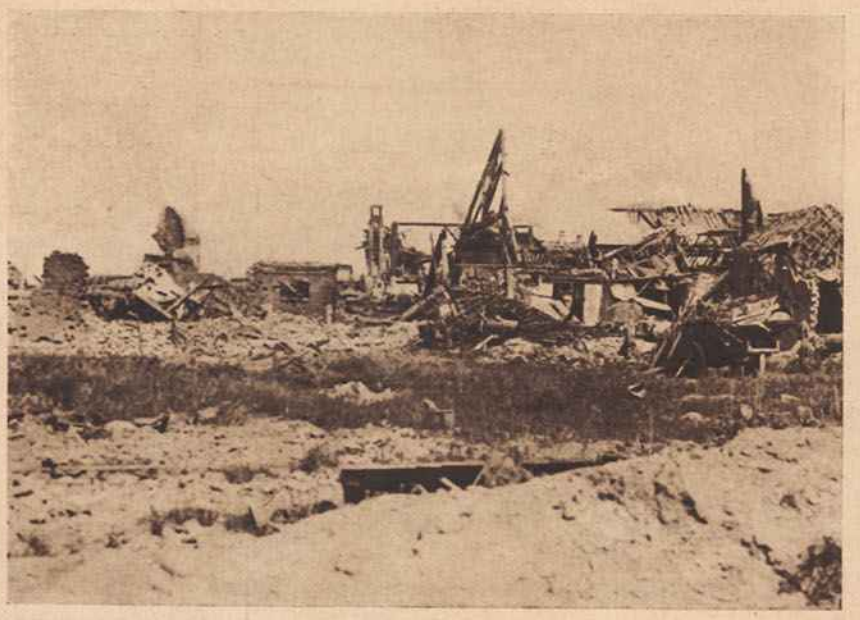
Nos dias soalheiros luzia como um fanal; e a alma castelhana, que porventura lá ficara a quando da ocupação do fiel e rijo Artois, acordando no peito do picardo, devia, de longe e do perto, por aquelas dez léguas em roda, no remanso da aldeia e na lida do campo, salvar a luminosa e celeste imagem.

Destruida Albert, a pontos de se parecer com as cidades mortas, legendárias, em que a área é indicada pelo montão de pedra solta, e em que apenas uma ou outra coluna ou cunhal dobrado continua a traçar a avenida ou praça, a basílica erguia-se sempre altaneira, incólume, sistemàticamente poupada pelo fogo dos alemães. Milagre? Respeito do inimigo, ou ponto de referência aproveitado para regra de tiro? Uma versão chegou a correr por aquela zona, na voz popular: uma espia servir-se da tôrre para dar sinais aos alemães.

Mas não, em princípios de 1915, um *aviatik* pairou demoradamente de cima da cidade, de que a basílica, em pé, figurava *une masse rouge et sanglante*, e horas depois voava em estilhas com o primeiro obuz o zimbório doirado que assentava na intersecção do transepto e do altar-mor. Depois, outros e outros obuzes escavacaram o telhado e abriram brechas imensas nos muros. Ao cabo de dias de bombardeamneto contínuo, a virgem de bronze dobrava, inclinava-se horizontalmente no espaço e ali ficava, como pomba que ensaia o vôo ou desesperado ao primeiro tempo da sua projecção nos abismos. E ali ficou muitos meses, entre céu e terra, destronada tão indignamente de sua altura gloriosa.

Como em Lovaina, como em Malines, como em Bapaume, Armentiéres, cumpria-se a profecia de Henri Heine: «Um dia há de vir em

Nos arredores de Albert. — Canhões franceses disparando



Albert. — Bairro da estação, depois do bombardeamento

A Basílica de N.ª Sr.ª de Brebiéres, depois do bombardeamento

que se levantarão dos túmulos fabulosos as divindades guerreiras, sacuditão a poeira dos olhos, e Thor aprumar-se há com o martelo gigantesco em punho e fará em pó as catedrais góticas».

Albert conheceu todos os sobressaltos da guerra, inclusivé o da espectativa temerosa do homem que tem o salteador de portas a dentro. Ali estiveram os alemães dezanove dias, a quando da primeira vaga *nach Paris*, alimentando-se do indígena, sizudos e pacíficos, como patos na engorda. A mesma Sóror Antoinette, religiosa dum hospício, que os recebera em 1870, recebeu em 1914 os primeiros *hussards* a cavalo, mandados em reconhecimento. Com a retirada, depois, aí por fins de Setembro de 1914, começou a dura provação. Três meses, noite e dia, foi varejada pela metralha. A população que não sucumbiu debandou. Estiveram insepultos os mortos muito tempo. O anjo do extermínio, de que fala o Apocalipse, não consumaria obra mais genial na arte da destruição.

Mas tornou a florir a cidade naquele campo de lágrimas. Nas padieiras das lojas, letreiros berrantes oferecem a veniaga. Através da bruma que abafa os ruídos, amortalha as casas novas, calafeta as portas e vidraças, sente-se um silêncio operoso e fecundo. As ruínas são como pedintes em arraial domingueiro: o menor vulto.

Já outra vez se ergue de tijolo e pedra, fiel à traça primitiva, Nossa Senhora de Brebiéres. Amanhã poderão voltar os peregrinos com suas misérias, com seus queixumes, com suas ansiedades, que ela acolhê-los há com o mesmo sorriso amorável debaixo da corôa de mil brilhantes. Tirem à igreja as faixas do madeirame que a envolvem, acendam os cirios, e o ritmo antigo dos que sofrem e têm horror ao sofrimento e à morte retomará a cadência perdida. E quando fôr outra vez guindada ao alto do minarete a virgem loira, o mesmo sol benigno e amoroso brincará com ela, e ela, refulgente e dominosa, tornará, na campina de dez léguas em redondo, a ser saúdada pelo picardo, dobrado atrás da sua junta de cavalos normandos, a lavrar a terra.

ESTRADA DE ARRAS. — A estrada corre em tiro de flecha para a linha do horizonte, encarvoada pela bruma, mal arranhando a campina interminável, rasa como a palma da mão. A todo o lés, cortejam-nos filas, magotes, patrulhas de árvores decapitadas. Uma vergôntea vingou no tronco nodoso e lá vai, fina e esbelta, a tentar escalar as alturas. A mais das vezes são cadáveres negros, mirrados, a implorar a piedade do lenhador. Passamos casais pintarolados de fresco, pequenos hangares para aviões, de zinco ondulado, casotas construídas com a sucata da guerra; o motor do nosso carro zune e, na natureza espasmódica, sob a irritante morrinha do céu, o seu vu-vu-vuu é como um canto embalador.

A deslado, uma pequena encosta faisca de mil brancuras movediças; parece o desnevar duma geleira, ou uma pilha imensa de cal virgem arregoando, desagregando-se, espraiando-se em lençóis de alvura sob jorros de água: uma inumerável bandada de patos. Nem êles grasnam, nem a guardadora canta:

Pata aqui, pata ali,
Filha de rei guardar patos
Foi coisa que nunca vi.

É tudo grave, duma dignidade ascética, na campina desolada; até a ave de engorda. Mais adiante, relanceamos uma manada de poldros. Nem um só para nós olha. Somos como o pássaro que vôa. E a estrada lá vai, doirada, animada dum ritmo ágil e subtil de farândola.

Arrumamos o heróico carro no pátio coberto do *Hotel de l'Univers*, tomamos posse dos nossos quartos, e, após um olhar dispiciendo ao menú, largamos para a cidade.

Arras de noite! O que poderá fazer de noite uma cidadesita, a três passos de Paris, que não seja ingerir o *pot-au-feu*, jogar em família a sua partida de gamão, e santamente adormecer? As raparigas bonitas não lhes valia a pena serem bonitas em Arras; aos estudantes, tenta-os o Bairro Latino; o baile do Prefeito é uma vez por ano. Que remédio senão ter hábitos regrados e horas certas, agir como célula exacta e silenciosa da grande França?

Vamos pelo burgo adormecido, tão pasmadas as casas como os raros transeuntes de nos encontrar. Esta *Rue St. Aubert* incarna o espírito comercial do nosso século, com vitrinas imensas, espelhos e ensamblamentos a rutilar, e vendedeiras, trajando de preto, cabelos à *garçonne*, ademanes estudados, muito dignas e correctas como preciosas numa sala. Já a *Rue des Baudets* é a via mesteiral antiga, cheia de lojecas tão pequeninas que parecem empurrar-se umas às outras, ilharga contra ilharga, com a pechincha à porta e, lá dentro, todos os cheiros, tôdas as drogas, todos os artigos num admirável e sebento pandemónio. O francês, que era essencialmente *épicier*, estabelecido nestas quitandas, fornecia o universal a preços acessíveis. Enriquecer não era o seu lema, mas retirar um lucro digno do seu tráfico, que lhe permitisse levar a vida com honra. Havia gerações de merceeiros como havia gerações de príncipes. Tinham aqueles o orgulho do mester e não arredavam pé para outro ramo de actividade. O vento da ambição, varrendo tudo, alterou as linhas sociais e, hoje, o desígnio mais moderado do filho do merceeiro é passar a baiuca paterna, e ser *bourgeois* em Paris, ou *boxeur*.

Albert. — Rua da Amiens, depois do bombardeamento

sem titubear, através da inquebrantável planície. Não se descobrem agora ruínas, troféus, cemitérios da guerra. Ficam às bandas, ocultos na bruma; a bruma vestiu-os, envolvem-os como lençaria fúnebre; passamos por diante dum catafalco.

ARRAS. — Uma rua interminável e espaçosa, ou ruas que se sucedem, prédios muito compostos, a inculcar mediania, com ar já de sonolentos, quási nenhum bulício, um certo cunho de frescura e de distinção — eis Arras. Anoiteceu, e, contra o resplendor dos arcos voltaicos, vê-se a molinha descer como poalha de prata, peneirar-se, rodopiar na luz

(Continua)

AQUILINO RIBEIRO.

MACAU

MONTE-CARLO DO ORIENTE

Luís Oteyza, o brilhante escritor espanhol e nosso querido amigo, quiz ter a carinhosa deferência de confiar à nossa «Ilustração» as notas inéditas da sua viagem a Macau, que aparecem na nossa revista mesmo antes de serem publicadas em castelhano. A fina observação do infatigável viajante, que acentua toda a curiosidade com uma delicada mancha de humorismo, que, por ser delicada, não deixa de ser profunda em intenção e verdade, há-de ser apreciada, temos a certeza disso, pelos nossos leitores em tudo o que vale. A êste, os meus parabens pelos momentos de verdadeiro deleite que lhes proporcionaremos com esta amena crónica de viagem e a Luís Oteyza os nossos mais vivos agradecimentos pela prova de especial consideração que acaba de nos dar.

I

UMA VIAGEM DE RECREIO

Ir a Macau é empresa rápida e fácil... quando se está em Hong-Kong. Verdade seja que para se chegar a Hong-Kong, de qualquer porto europeu, é preciso contar com trinta e tantos dias de navegação pelos mais encrespados mares do Planeta. Mas, já em Hong-Kong, a viagem de ida e volta a Macau e a excursão de Madrid às povoações do Guadarrama são coisas equivalentes. Há um barco que parte todas as manhãs e regressa felizmente todas as noites.

A travessia, duns sessenta e quatro míseros quilómetros, faz-se pelo *Nan-Hai*, ou Mar do Sul, onde se desencadeiam os terríveis tufões; mas, na altura da baía de Cantão, as águas são sempre serenas. Há cinco anos, deram-se aí pela última vez assaltos de piratas a barcos de passageiros e transporte, o que leva a crer que êsse antigo costume está actualmente em desuso.

A viagem de Hong-Kong a Macau constitui, portanto, uma viagem de recreio. Eu estava em Hong-Kong com grandes desejos de me recrear. Tinha ido à China com a obsessão de encontrar os trágicos acontecimentos que as agências telegráficas anunciavam como iminentes, e à cata dêles me dirigi a Shangai, onde vi que nada sucedia nem havia promessas de nada truculento.

Uma embarcação chinesa (lorcha) — Ao fundo vê-se o quartel de S. Francisco e o Farol da Guia, no cimo da colina do mesmo nome

Era mister, pois, encontrar a diversão. Como não fazer uma viagem de recreio? Tanto mais que, o ir a Macau, seria apenas com fins recreativos.

Bem sei que podia e até devia dizer que me levaram a Macau os desejos mais puros. Visitar, por exemplo, a gruta onde Luís de Camões compôs *Os Lusíadas* ou ajoelhar sôbre a terra que deu sepultura a S. Francisco Xavier. Dar-me hia muito prestígio aos olhos dos leitores se me fingisse peregrino da Arte ou da Religião. Mas prefiro dizer a verdade. E a verdade é que fui a Macau impelido pela sua condição de albergue de jogadores.

Eu não jogo; mas ver jogar é para mim o mais ameno dos espectáculos. O homem, jogando, demonstra todo o alcance da sua estupidês. Vai ao jôgo levado pela cobiça, pelo interêsse do lucro, pela ânsia de ganhar, e sempre perde! Está demonstrado, com a plena prova das magnificências que o jôgo sostem, como os productos da jogatina são para os exploradores do vício e não para os viciosos.

E há empresas de jôgo porque há jogadores. É divertidíssimo! Não existe para mim espectáculo tão regosijante como ver os jogadores a jogar.

...E em Macau ia ver jogar jogadores chineses. Os jogadores mais jogadores do mundo! O chinês, que tem todos os vícios, levados ao extremo e refinamento, é jogador

Macau, segundo uma estampa do século passado

A gruta de Camões no século passado — (Segundo uma gravura em aço)

como nenhum outro jogador nascido de mãe... jogadora. O chinês joga tudo e a tudo. Até, pelo afan de fazer apostas, inventou lutas de grilos. Mas o seu jôgo predilecto, o seu jôgo clássico, o seu jôgo especialíssimo é o *fan-tan*. O jôgo que têm em Macau às suas casas principais.

Um jôgo que eu não conhecia. Isto é, que eu julgava não conhecer, pois o certo é que... Mas não antecipemos os acontecimentos. Dizer como para mim — e para todos os espanhois — era já conhecido o *fan-tan*, constitui a parte mais interessante da minha narração sôbre Macau. Temos que lhe dar o máximo relêvo, e, por isso mesmo, dedicar-lhe hei capítulo à parte.

Terminando agora êste capítulo inicial, devo dizer que a viagem a Macau foi para mim, que tantas longas, difíceis, fatigantes e perigosas viagens fiz, uma excursão domingueira.

II

OS PIRATAS DESEMBARCARAM

É claro que, durante o trajecto, não deixei de sentir algum temor aos piratas. As águas daquela parte da costa chinesa, principalmente os do estuário do Chu-Kiang ou rio das Pérolas, e sobretudo as que estão compreendidas entre as ilhotas próximas à península onde Macau se levanta, foram dominadas por Ching-Yih, o «soberano dos mares», ainda mais poderoso que os seus congeneres Li-Ha-Hong, que quási nos arrebatou as ilhas de Luzón e Cong-Sang, que despojou os holandeses da ilha Formosa. Ching-Yin, com os seus *juncos e sampans*, chamados «vespões de mar» aguentou-se toda a sua vida em frente ao duplo poder do Celeste Império e da Companhia das Indias.

Êste rei dos piratas morreu numa tempestade — e, como Filipe II, não atirou com as suas naves contra os elementos — quando se dispunha a tomar posse de Pequim e, quem sabe se de Londres; mas deixou dignos descendentes. E talvez alguns dêles estivessem entre os tripulantes das barcas que constantemente rodeavam o nosso navio.

Porque desde o canal que separa a ilha de Hong-Kong da península de Kan-Lang, até aos vários braços em que o rio de Cantão se divide ao desaguar no mar junto a Macau, não há águas mais concorridas no mundo. Nem as do lago do Retiro nas manhãs de Primavera! Enchem-se literalmente duma grande porção de embarcações onde os aquáticos chineses transportam mercadorias, guardam a pesca, caçam palmipedes ou têm os seus domicílios. Os seus domicílios também, porque é sabida a existência em tais regiões de naves-vivendas, onde se pode morar sem preocupações do prêço do terreno.

Quando via o nosso barco com tantos outros em torno recheados de chineses, pensava como seria terrível se ressurgisse a pirataqem. Verdade seja que, tempos antes, o barco era blindado e toda a sua tripulação ia armada, para o que desse e visse. Mas se os sucessores dos piratas se lembrassem de imitar uma vez mais os seus antepassados, estava fóra de dúvida que, numerosos como eram, nos merendavam num ápice.

Semelhante apreensão dominava-me tão intensamente que não me permitia apreciar a alegria do mar, povoado e animado como campo de romaria, nem a beleza das costas sôbre as que se alçam as imponentes montanhas de Catay. Imponentes, os piratas, e quanto a alegria... nada de alegre têm as suas maneiras de espoliar, entre os quais figura o sistema de abrirem o ventre aos captivos, não fôssem tragar algumas pedras preciosas a fim de subtraí-las, dêste modo, à sua cobiça. E não falemos no meio por êles empregado para executar os que alguma resistência oferecem! O suplício dos dez mil pedaços, que conssite em dividir o corpo nesse número de partículas, começando-se a fazer o picado pelas extremidades! Um verdadeiro espanto por muito pouco receio que se tenha ao sofrimento.

A minha preocupação era visível. E tão visível era que o bom Bernedo — um compatriota residente há vários lustros em Hon-Kong e que me acompanhava a Macau — preguntou-me o que me sucedia. Confessei-lhe os meus receios, e êle tentou dissipá-los, assegurando-me que já não havia piratas naquelas águas. Não se tratava de coisa dos passados séculos, mas do presente e, ainda mais, na presente década. Em 1923 tinha sido assaltado um dos barcos da linha Hong-Kong-Macau.

Então o Bernedo explicou-me o sucesso, que não foi precisamente um acto de pirataqem. Os que assaltaram o barco tinham-se metido nêle como passageiros. Depois, no mar, sim; mas, como se estivessem em terra, impuzeram-se, pistola em punho, à tripulação e aos companheiros de viagem. Roubaram-nos a todos, mas não tomaram conta do navio, que nem ao menos sabiam conduzir. Conseguiram fazê-lo atracar à costa, por onde fugiram. Foi um assalto de bandoleiros, como os que na América do Norte se fazem contra os combóios.

— Os piratas de Ching-Yih não deixaram, pois, sucessão — disse.

E Bernedo replicou-me que sim. Que aqueles bandos de chins espoliadores continuam com o negócio. Mas que agora trabalham em terra.

— Aonde?

— Em Macau, mesmo.

— Sèriamente?

— Não tenha dúvida. Foram os que montaram as casas de jôgo!

III

GRUTA QUE NÃO O É E TUMBA QUE NÃO EXISTE

Em Macau já está terminado o porto moderno que se começou a construir em 1919; mas reserva-se para os barcos de grande escala, motivo pelo qual a nossa embarcação, relativamente pequena, foi ancorar no porto antigo, aberto detrás do promontório onde se ergue a primeira fortaleza que os missionários mandaram construir para defesa dos habitantes católicos da «Cidade do Santo Nome de Deus na China».

A gruta de Camões, hoje

Era assim que os portugueses, nos primeiros tempos do seu domínio, chamavam à pequena povoação. Mas, mais adiante, decidiram tornar a dar-lhe a sua primitiva denominação chinesa de Ma-Kao, considerando talvez que era excessivo letreiro para uma terra tão pequena.

Ou, certamente, como teria que se inventar o telegrafo, quem ia mandar um telegrama para a Cidade do Santo, etc., tendo que pagar oito palavras só pelo nome da povoação?...

Mas vamos ao que interessa.

Iamos entrando em Macau pela parte velha da vila colonial. Fortes e igrejas. Os castelos do Monte, de São Tiago da Barra, e da Colina, as fortalezas de S. Juan, de S. João e da Guia, com os templos de S. Paulo e de Santo António e o colégio de Jesuítas, escalam as alturas. Ladeiam as ruas, em costa, fortes casas de pedra. O conjunto é o duma antiga cidade ibérica. Os portugueses, como os espanhois, onde chegassem construiam à moda da sua terra. Por isso, a parte velha de Macau assombra no Oriente com o seu ar ocidental.

No entanto, há nela magníficos jardins próprios daquela latitude, e um belo passeio, Práia Grande, que inutilmente procurariamos em Braga. Quanto ao resto, «pior do que Braga», como diria o protagonista de *A Relíquia*, se, desde Jerusalem, seguisse caminho para Macau.

E foi êste aspecto que nos levou, com o pensamento no Ocidente, a buscar na cidade oriental os vestígios das glórias luzitanas. Seria uma peregrinação devota e literária!

Um dia é um dia... Sendo, além disso, para considerar que um dia tem muitas horas mas que há tempo para tudo. Resolvi, antes de ir ver jogar o *fan-tan*, cumprir com os deveres de consideração que devia ao meu compatriota S. Francisco e ao meu colega Camões.

A gruta onde a lenda diz que se refugiou o autor de *Os Lusíadas* para escrever o seu imortal poema, fica num jardim próximo à igreja de Santo António. É um jardim belíssimo, de onde se abarca um soberbo horisonte, visto que assoma sôbre as águas do estuário. Mas a gruta não é tal gruta nem Camões aí pôde escrever a longa série de reais oitavas que constituem a sua obra.

É simplesmente um arco natural, formado por três penhascos, onde o vento sopra como por debaixo duma ponte. Quási que não se pode estar parado; e escrever, sem que os linguados voem, é completamente impossível. É natural que Camões nunca tivesse passado por ali; mas, se passou, limitou-se a passar.

Sob o arco existe um busto do cantor guerreiro, que não tem o menor valor escultórico, e, nas pedras que formam o monumento, veem-se algumas lápides de mármore, com fragmentos poéticos gravados, fazendo lembrar inscrições funerárias.

Assim, aquêle sítio não pode inspirar evocações do que nele não sucedeu, e até se torna grotesco, tristemente grotesco, pela sua índole monumental.

Quanto à terra que cobriu o cadáver de S. Francisco Xavier... Não está em Macau! Não está, simplesmente. Diz-se que foi em Macau que o santo missionário recebeu sepultura, mas não é verdade. E ainda mais: nunca entrou em Macau, nem morto nem vivo.

É verdade seja que andou por muito mundo o reverendo Francisco de Jassu y Azpilcueta: Paris, Roma, Lisboa, Chochina, Gôa, Kioto, por toda a parte menos por Macau. Passou lá perto, quando tentou chegar a Cantão, mas teve que ficar na ilha de Sancián, onde morreu e onde foi enterrado.

A confusão consiste em que o estabelecimento português, que se trasladou depois para a Península de Macau, estava então na ilha de Sancian.

Ainda pensei regressar ao porto antigo e alugar uma embarcação que me conduzisse à ilha de Sancián. Mas o meu guia macaense era de opinião que não valia a pena, pois o santo recebera ali sepultura simplesmente provisória. Os seus restos só lá estiveram desde Desde Dezembro de 1552 até Fevereiro do ano seguinte, sendo depois levados para Malaca. Daí, foram conduzidos para Gôa, e ainda mais tarde parte deles se transportaram para Espanha, onde no meu regresso, os poderia procurar, se é que tinham naquêle ponto dado fim à sua viagem.

Foi o conhecimento disto que me fez desistir da expedição. De resto, se S. Francisco Xavier, embora morto e sepultado, continuasse com as suas viagens, era provável que em algumas das minhas deparasse com êle. E sem me preocupar mais com o assunto, tomei a direcção da parte moderna da cidade.

IV

MONTECARLO SEM CASINO

A parte moderna de Macau é chinesa. Exceptuando alguns depósitos de mercadorias e um ou outro escritório de consignações, todos os prédios da cidade nova, que levou a povoação portuguesa até às aldeias indígenas de Lopa, Monga e Patome, são de estilo chinês. Porque os celestes subditos nem por um só momento quizeram ceder êsse pedaço do seu território nacional. E exerceram sempre e ainda exercem o seu domínio com as fôrças que Deus lhes deu.

Permitiram que as tropas portuguesas ocupassem a posição à entrada do rio, para defenderem Cantão dos ataques dos piratas; mas fazendo com que estas se situassem precisamente na península de Macau, e não em nenhuma das ilhas do estuário a fim de que o terreno ocupado não ficasse livre; tinha assim os seus limites naturais.

E conseguiram que Portugal pagasse o seu arrendamento à China e que os mandarins do imperador tivessem jurisdição sôbre amarelos e brancos. Hoje ainda o governo português paga assim coisa de quatro mil pesetas ao governo de Pequim; e, quanto à jurisdição dos mandarins, só acabou quando já não lhes foi possível cortar em Macau o regime extra-territorial imposto pelos ingleses para todas as residências de europeus dentro da China. E até chegaram a levantar-se em armas para manter os seus direitos; grave foi aquela escaramuça de 1849 que custou a vida ao governador Ferreira do Amaral.

Uma luxuosa sala da vivenda dum ilustre português em Macau, onde se nota uma curiosa adaptação dos elementos decorativos chineses ao confôrto ocidental

Conveneceram-se finalmente de que não conseguiram pela violência, e recorreram a meios suaves, à sua invencível suavidade! Foram ocupando Macau pacíficamente. E à sombra dos trabalhos do porto — desde a carga de navios até ao açambarcamento dos géneros de importação e exportação — instalaram-se na cidade, que, por causa dêles, cresceu consideràvelmente. Assim, exceptuando os fortes do morro, igrejas adjuntas e casarões próximos, só há em Macau casitas chinesas.

E chama-se a isso um outro Montecarlo?... Faltam os grandes hoteis e os sumptuosos palacetes da capital da Costa Azul, que já é alguma coisa. Existirá, pelo menos, o Casino? Também não!

(Continua). LUIZ OTEYZA.

...MAIS UM DIA DE PRIMAVERA

Era uma noite de Dezembro, caliginosa, fria. Caía uma chuva miudinha e persistente que alagava até aos ossos.

Denso nevoeiro envolvia as ruas que davam passagem, apenas, a raros viajantes que, apressados, recolhiam a suas casas. Um ou outro latido quebrava, de vez em quando, o silêncio quási sepulcral. Era absoluta a solidão, qualquer coisa mesmo de fúnebre que, junto com o monotono sussurro das vagas distantes chocando contra os rochedos, vinha avolumar e emoldurar todo aquele quadro de tristeza como uns crepes em rosto de mulher.

Dum prédio afastado da cidade saíu um homem, novo ainda, bem trajado, fumando charuto, de mãos nos bolsos, de «cache-col» envolto ao pescoço e que, como os demais, parecia desejar rápido acolher-se ao peito amigo do Morfeu. O relógio da matriz batia as quatro da madrugada. Depois de alguns minutos de caminhar como quem leva destino certo, tornou-se indeciso, hesitante; dava uns passos, retrocedia, parava, para logo seguir por uma viela, voltar ao ponto de partida, sem rumo, sem norte... desorientado.

E a chuva miudinha e persistente lá ia caíndo e alagando até aos ossos.

De repente, como se tomasse uma resolução, seguiu, como uma seta, até à praia. As vagas ondulantes e espumantes vinham quebrar-se a seus pés. O seu olhar era inconsciente, baço.

Curtos instantes se passaram.

Se na morte êsse homem pensava, certo era, que a saudade de deixar alguém lhe vincava sulcos no peito, como o arado os abre na terra, como o barco veloz os vincula nas águas do mar.

Havia, como que uma luta entre a Vida e a Morte, de que êle, apenas, servia de instrumento. As ondas, com a sua fôrça hérculea, ora o osculavam obrigando-o a segui-las, ora o repeliam desdenhosas e amuadas. E assim, duma das vezes, foi arremessado à areia da praia, longe delas... desprezado.

O uair das águas por onde o seu corpo acabára de passar, fôra como a última pá de terra que separa a Vida, do Além... do Ignorado!

Porém, como um dramaturgo que prepara o efeito para o final da sua obra, o Destino não julgou bem assim a apoteóse dessa tragédia, e volvido o corpo dêsse tresloucado à superfície das águas, a mão vigorosa dum pescador, que perto estava e tudo presenciára, o agarrou trazendo-o para terra no barco que conduzia.

— E esta, hein? — dizia o pescador — Não é dôdo o rapazola! Tomar banho a esta hora e com um mar tão áspero!! Gente moça! Gente moça!

E resmungando mais umas palavras pegou nele aos ombros levando-o para a sua cabana onde lhe prestou todos os socorros.

Estava salvo o infeliz.

Fora, os primeiros alvores da madrugada já se espraiavam sôbre as serranias distantes esbofeteando a Tempestade que fugia amedrontada com a aproximação do rei dos astros. O mar serenando um pouco do seu revolto nervosismo, beijava de manso a areia em rolos de algodão alvíssimo. E o nosso desconhecido, embrulhado numa manta, sentado a um canto e apenas alumiado por uma tôsca candeia de azeite, querendo desvendar o mistério que o rodeava, querendo recompor no seu cérebro os factos passados, olhava perscrutador o seu companheiro, velho habitante do mar que, cofiando com os dedos as suas grandes barbas brancas e com o seu inseparável cachimbo na bôca, parecia deleitar-se com aquele silêncio e revelar uma certa indiferença por tudo quanto a êle tanto o afligia. Só depois de terem tomado um pouco de café quente, é que o pescador se resolveu a preguntar:

— Era, então, certo que se queria matar?

— Sim.

— Porquê?

— Perdi ao jôgo, estupidamente.

— Ah!... o jôgo!... E perdeu... o quê?

— Todo o ordenado do mês: o sustento da família.

— Só?

— Perdi também o dinheiro que meu irmão me confiára.

— Só?

— Perdi, por último, o produto da venda de umas acções que não eram minhas.

— E a quanto montam as três coisas?

— Vinte mil escudos. Uma fortuna para mim.

— É casado?

— Sou.

— Tem filhos?

— Uma menina de seis anos.

— Oh!... E queria... matar-se!

— Era uma solução... É a única. Não te agradeço...

— Que diz?! Olhe, fidalgo: Cá a gente do mar nem tem duas caras nem sabe dizer o que não sente. O que o fidalgo ia praticar era, simplesmente... uma cobardia.

— Cobarde eu?!

— Sim, senhor. Cobarde é todo aquele que foge ao perigo, que volta as costas à luta.

— Mas se não posso lutar. Só com dinheiro se resolve e eu... não o possuo.

— Mas as que deixava só e desamparadas: a mulher e a filhinha, essas... podiam?

— Ninguém lhe pedia contas, tenho a certeza.

— Ah! Sim. Compreendo. Perdoavam-lhes, isto é, davam-lhes de esmola o dinheiro que o senhor atirou pela janela fora? E mais tarde, quando a sua filhinha fôsse, então, já uma senhora, sabendo o acto que o pai tinha praticado, como queria que ela olhasse, como eu o estou olhando agora, — lá... para os seus parentes, para as suas amigas... para o escolhido do seu coração? Anh? Diga lá, fidalgo? Diga lá? — Se o senhor não contente em lhe haver despedaçado o coração, lhe tinha coberto o rosto de manchas de vergonha!

— Cala-te!...

— Não lhe agradam as minhas palavras. Sim. É natural. A verdade é alguma coisa parecida com o vento que sacode o mar e o obriga a levantar-se em furias de leão. É rija, agreste, faz doer e é amarga como o fel. Pois, julgava que era acabar com a vida e que o assunto ficava logo arrumado? Para si, talvez, mas para elas? Era, agora, que êle começava como um furacão, a arrancar-lhe o telhado lá de casa. Não. Não senhor. A nossa obrigação é deixar a mulher e os filhos num caminho sem pedregulhos, cheio de flores, e não sôbre uns rochedos cobertos de lôdo e batidos pelas ondas. É por isso que se diz: Antes que cases, vê o que fazes... Pois então!...

Que cometeu uma loucura? Está bem de ver que cometeu. Que a sua situação é má? Sim, não digo que não; talvez; mas, se é má, é vencê-la, destruí-la, que na vida tudo se vence, tudo, quando se reage de cabeça levantada, quando se reage por amor... duma filhinha. Sim fidalgo. É assim mesmo.

Quando se ama uma filha, por ela e para ela a coragem é como a rocha, que embora apoiada apenas numa aresta, não há vendaval, por mais forte que seja, que consiga derrubá-la. E o senhor... tem uma filha.

— Oh! Bom velho! Que bem me fizeram as tuas palavras! — agarrado ao pescador com ternura — A tua alma tão simples, tão cheia de crença, encheu-me o peito de luz, fazendo nascer, dentro em mim, a esperança da felicidade que julguei destruida para todo o sempre. Louco tinha esquecido a minha adorada filha, e tu com as tuas santas palavras acordáste na minha alma o amor que devo a êsse inocente amor, que num momento de desânimo e fraqueza, ia sepultar no fundo do mar!

— É isso. Assim é que está certo.

— Obrigado meu bom velho, meu bom amigo!

E comovidamente acariciou e beijou o rosto dêsse homem.

— Ora até que enfim! — disse o pescador a rir e a chorar — E agora, fidalgo, nunca mais, anh? Nunca mais!

— Não! Nunca mais. Foi proveitosa a lição.

Ràpidamente se vestiu e partiu correndo.

Sorridente, então, o bom do pescador fez-se ao largo no seu barco e o o céu abençoando o feito transmitiu à Terra... mais um dia de primavera.

JORGE NORONHA DE OLIVEIRA.

NOS DOMINIOS DA NEVE

A BRANCA SERRA DO MARÃO

No Marão. — O fotógrafo Alvaro Martins gozando a Natureza

Na Serra do Marão — A bôca do Inferno

Quando o «Buick» possante, que gentilmente nos conduzia, depois de galgar, num ímpeto hérculeo, a ingreme estrada do Marão, abrindo fundos sulcos na densa camada de neve, dobrando ousadamente as voltas e contra-voltas, se escapou da temerosa «Curva da Morte» para nos largar, pouco adiante, nas fauces hiantes da «Bôca do Inferno», recordei instintivamente aquele conhecido passo de Camilo no «Eusébio Macário»:

«Uma noite de Novembro caía neve, e os aspectos do céu, profundamente frio, tinham umas estrêlas trémulas, lucilantes, e um luar álgido, que dava às concavidades nevadas a claridade nítida duns lagos de prata fundida».

Não era noite, é certo; e o sol, ainda muito acima do horizonte, derramava pelas altas cumeadas largas clareiras de luz merencória, tíbia, como se a própria luz tivesse também receio de se envolver no imenso lençol branco.

Mas os grandes lagos de prata fundida ali estavam diante de nós, alongando-se a perder de vista por todos os lados, sob uma atmosfera opaca e álgida, e reflectindo de longe a longe, nas concavidades nevadas, o esqueleto mirrado das árvores despidas.

Também não costumam acudir com freqüência os lobos ao Marão. No entanto, naquele ambiente quieto, de luz crua e cegante, sob a deliquescência do gelo que ensopava o calçado, a gente era obrigada a reconhecer a prudência do padre que «vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de peles e uma carapuça alentejana, que lhe abafava as orelhas».

Era, de facto, nesse preparo, como diz o povo, que o homem da cidade deveria dirigir-se aos lugares que a neve costuma visitar, nestes dias frios de inverno.

E que extraordinário contráste! Na estação calmosa, tôda a serra, de alto a baixo, é um enorme tapete de verdura, macia e tenra, mosqueado de pinheiros, de carvalheiros, de giestas, de urzes, de rastejante e humilde carqueja. O tremontelo, manchando de roxo os taludes, as ribanceiras, os cumeros, entontece-nos com seu aroma ácre. Rieiras rosas silvestres entre moitas e silvados. Fios de água deslisam gementes sôbre seixos lavados; na espessura das matas aves pipilam e cantam. O casarío, que se aninha nos vales fundos, branqueja e brilha na incidência dos raios dardejantes do sol.

A terra crepita, vibra, estremece, por vezes arde na fulguração incandescente da luz. Agora, tôda a vida em roda expirou. É um imenso oceano branco, estendendo a sua alva, densa alcatifa de espuma pelos píncaros, rochedos, algares, ravinas, cobrindo e abafando

Um aspecto surpreendente da Serra do Marão

tôda a vegetação. Só lá ao fundo, muito longe, quási no extremo do talvegue, o coração da terra pulsa, no espadanar fragoreso das águas e no fumo que se eleva dos casais solitários, tiritantes. À volta de nós, tudo desolação e morte. Em tôda a redondeza, por todo o horizonte que a vista abrange, sempre a mesma brancura intérmina. É branca a terra, duma alvura imaculada, e branco o espaço, dum branco mais sujo e profundo, mas sem linha divisória, julgando-se a gente dentro duma gigantesca esfera de prata. Só lá para o nordeste, para as bandas da Cabreira e do Gerez, o sol quási moribundo projecta uma comprida faixa com longas veias azuladas, cinzentas e amarelas, debruando a atmosfera. Mas pouco a pouco a luz esmaece, extingue-se gradualmente, e tôdas as côres se fundem num cinzento claro, quási branco também, a desfazer-se, a diluir-se na alvura circundante.

Uma vista da Serra do Marão sob a neve

E por sôbre as nossas cabeças, elevando-se da terra em sacudimentos imperceptíveis, ou descendo do alto espaço ilimitado e calmo, — mar profundo, incomensurável, sem superfície nem limites, — uma vida estranha e fantasista paira, vinda talvez das regiões invisíveis do firmamento. A mão de Deus perpassa, grandiosa e potente. Pequeno e obscuro, o homem sente-se em cima dum altar, o altar colossal formado por tôdas estas cumeadas que a toalha alvíssima da neve recobre com franjas rendadas de maravilhosa fantasia, e a alma surprêsa, abismada ante a grandiosidade do espectáculo, sente-se elevada num arroubo místico e parece ascender em vôos de ascese para a grande Verdade, para o grande todo que o espírito julga descortinar do alto dêste mundo novo, impressionante e misterioso.

No Marão — O formoso Alto de Espinho

É que falta no Marão, como em quási tôdas as nossas altas serras, na ocasião das grandes neves, a recordar, a continuar a vida dos centros rumorosos, aquela outra vida agitada, variada, intensa, que formam lá fora as novas gerações desportivas.

Em Davos Platz, em Saint-Moritz, já mesmo na Guadarrama espanhola, em tôdas as famosas estações alpinas, há agora um denso formigueiro humano, correndo, saltando, dançando, praticando os mais diversos exercícios físicos e atléticos, como se houvesse o propósito de sôbre as camadas mortas da terra projectar e intensificar as estuações frementes da vida.

Mas no alto destas serras portuguesas raras vezes se ausculta a pulsação duma raça. Como a terra sob o impenetrável e denso véu da neve, a alma da gente não lateja, parece dormitar em profundo sopor, em invencível marasmo.

É por isso que o espírito dêste imenso, branco altar que a Natureza eleva a Deus, até Deus pretende ascender, desprendendo-se da matéria envolvente, da inércia anestesiante, do torpor depressivo e comburente de energias.

Mas se ao menos a alma da raça pudesse reaquecer e retornar à vida, como um dia, muito breve, sob a tepidez do sol primaveral, ha-de reaquecer e retornar à vida esta grande montanha!...

(Fotos Alvaro Martins).

SOUSA MARTINS.

NA SERRA DO MARÃO — Uma paisagem alpina

...E SE FIZESSEM EM PORTUGAL O HOLLYWOOD DA EUROPA?

REPORTAGEM IMAGINARIA Á CINELANDIA PORTUGUEZA NO ANO DE 1947

(Continuado do número anterior)

Frios e silenciosos, ao princípio, animam-se e tornam-se loquazes, a cinco minutos de viagem... Registo algumas frases soltas que se cruzam num dialecto composto com vocábulos de cinco ou seis idiomas diferentes.

— Você ainda vive em Lisboa?

— O Kinema-Hotel só me arranja aposento para a semana...

— Eu fico já hoje no Kursaal...

— Quanto paga?

— Cem escudos diários...

— Oh! Eu não poderia pagar tanto...

— Lá chegará... lá chegará...

Outro diálogo entre uma jóvem loura, timidez disfarçada em ousadia, neófita na Cinelândia, saltos cambados e cara enfocinhada — e uma morena de olhos mongólicos e ar imponente de rainha egípcia...

A loira é parisiense; a morena, húngara. Há muito que se entreolhavam, ansiosas de palestra — mas os seus sorrisos — cartões de visita ainda não tinham conseguido a simultaneidade desejada...

Por fim...

— Vai trabalhar? indaga a loira.

— Devo começar hoje...

— Com os ingleses?

— Não... Com os franceses... No Cine-Roman — sob a direcção do sr. Herbier... É um filme mui lindo... Faço de sultana...

— Muitos *cachets?*

— Uns dez...

E arrependida, rectifica.

— Talvez mais!

E logo, basofiante...

— O trajo é um amor... Provei-o ontem...

Sorriso de superioridade da morena seguido de uma autobiografia:

— Eu já trabalhei na Ufa — quando a Ufa ainda estava em Potsdam... Estou contratada por três anos, pela Nacional... Eu só trabalho com os alemães... Agora repouso... Vou à Cinelândia para ver as obras de um palacete que mandei construir na serra... Vou casar-me brevemente... Caso-me com o príncipe Abdudger... Um casamento de paixão... um casamento verdadeiramente cinematográfico...

E a loira sorri e o olhar perde-se-lhe... Não há inveja na sua expressão... Palpita, sim, esperança, fé — certeza... A certeza de que muito em breve terá contracto por muitos anos e palacetes na serra e príncipes orientais a cortejarem-na e a oferecerem-lhe a corôa e a fortuna...

NA CIDADE DO SONHO

Amadora... Queluz... Súbito, a linha do eléctrico quebra o paralelo em que seguia a do caminho de ferro e desvia-se, numa curva, pela esquerda.

A Cinelândia nasce a vinte quilómetros da encosta de Sintra, numa zona que esticou a proporções de cidade, uma minúscula povoação desaparecida e que teve, em tempos, a pitoresca designação de Alcabideche.

É difícil calcular, pela velocidade de expresso que o eléctrico tomou ao sair de Bemfica, a distância exacta que separa Cinelândia de Lisboa. Mas sei que a fundaram precisamente entre a Serra de Sintra e Cascais. A direita e à esquerda dois inexgotáveis armazens de *decors*, de scenografias, de adereços: a serra, as praias, o mar, palácios, bosques, várzeas...

A Cinelândia, como aquelas cidades de diversões, da epilepsia das montanhas russas e dos carrousséis redopiantes — inicia-se por um pórtico magestoso.

O eléctrico pára à entrada. Uma balaustrada de madeira repolinisada de branco marca a fronteira... Um enxame de *grooms* e de *chasseurs*, fardados a capricho, de corretores de hotéis, políglotas e zumbidores assalta o carro, apregoando os seus hotéis, os seus bares, as suas pensões...

Poucos são os que se apeiam nesta paragem. Com êstes poucos desço eu também.

— A pé... a pé é que a Cinelândia deve ser visitada — aconselhára-me o director do *Diário Cinematográfico*.

E eu deixava-me ciceronar às cegas pela sua experiência...

Ia, pois, invadir o âmbito misterioso da cidade de sonho... E dizer que me encaminhei para o pórtico monumental, toldado de vermelho, em estilo chinês, mantendo o ritmo cardíaco, sem uma irregularidade — seria mentir...

O leitor, se é bom católico, deve ter ouvido falar muito do céu. Deve mesmo passar muitas noites a fantasiar as fofidões das nuvens de arminho que alcatifam de silêncios a passagem dos santos; dos mantos azuis bordados de estrêlas que formam a cúpula do éter; da harmonia doce dos concertos celestes; do frémito das asas angelicais, passando, em revoadas sôbre a calva lunar de S. Pedro...

Pois, leitor cristão: põe na tua mente que te diziam, espetando o indicador para um pórtico aberto à tua frente:

— Ali está o céu... Podes entrar, visitá-lo como se visita um Museu, prová-lo em suma, à tua vontade...

Visionas em que estado ficarias? Mede por êsse estado — o meu; a vibração dos meus nervos, o acelerado do meu coração ao dar os primeiros passos na Cinelândia...

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES E A TOPOGRAFIA DA CIDADE

A porta por onde eu passei entesta com a artéria central da Cinelândia. Um dístico encrustado na parede e cujas letras estão organizadas em tubos que de noite se iluminam, dá-nos o nome dessa artéria: *Boulevard*...

Boulevard, *tout court*, sem apelido. Êste sistema de roteiro estende-se por tôda a Cinelândia, com a mesma extravagância um pouco abstrata mas muito cosmopolita... Logo na primeira visita encontrei uma *Unter den Linden*, um *square*, uma *strasse*, uma *strait*, uma *via*, etc... Mas... não nos dispersemos. Dispersarmo-nos aqui, neste labirinto, seria arriscar a perder-nos... Que os leitores me deem as mãos e que se deixem guiar...

O Boulevard é largo — tão largo como o Chiado de Lisboa. O asfalto alisou-o; e desbolina-se, numa recta que parece dobrar a própria linha do horizonte... Tirando os prédios que tomam os ângulos, que são apalaçados e altos — os outros não vão além de um segundo andar.

Estes prédios, apalaçados, estão enfaixados em ostentosas taboletas: são hotéis e pensões. Os outros, escritórios e residências particulares dalguns *grands-seigneurs* da cinematografia europeia.

Dum lado e dentro enfileiram-se estabelecimentos comerciais. Abundam as modistas, os alfaiates e os sapateiros. Algumas tabacarias. Numerosíssimos bares e cafés. Uns e outros estendendo sôbre o passeio longos terraços.

São seis e um quarto da manhã — e o movimento atingiu uma intensidade que Lisboa ignora, mesmo em pleno dia... Abancadas às mesas dos cafés, as gentes tomam, apressadas, o seu primeiro almôço. Outras correm, limpando a bôca ao lenço e desaparecem pelas ruas transversais. Atroam os ares as buzinas dos taxis, os *klaxons* dos carros particulares, o retinir das campainhas dos eléctricos, o tirotear dos motores asmáticos dos camiões.

Os madrugadores da Cinelândia não teem os rostos embaciados pelo sono. Pelo contrário: a saúde maquilha-os com boas côres — com as côres do optimismo.

Outro detalhe curioso a registar: o das taboletas dos estabelecimentos, subdividindo, pela evocação que provocam, tôdas as capitais da Europa: *Vendôme, Galeria Nazionale, Kaffé Grün Bräun, Royal Bar, Potsdam*...

...E longa a caminhada através o *Boulevard*... É interminável. A regularidade com que as ruas transversais formam os quarteirões parece transformar a cidade num taboleiro de xadrez. Contei quinze antes de atingir a rotunda que fecha a artéria...

Um parque nasce então, aberto em alas e formando um leque... Entrada livre... E durante os primeiros minutos a perturbação que o espectáculo produz no meu espírito atinge o atontamento... Estarei em Portugal ou saltei, num milagroso pulo, para qualquer jardim sagrado dos confins da India?

Caprichosa e polícroma paisagem... Flores exóticas que matizam os prados e combinam, no espaço, a alquimia de perfumes inéditos... Aqui e além, ocultos pelos arbustos, alvejam bulas pançudas sôbre pianhas de madeira. O meu pasmo imbecilisa-me... Chego a sentir a tentação de apalpar aqueles canteiros, aquelas árvores, na suspeita irreflectida de que tudo aquilo fôsse prodígios scenográficos feitos em cartão...

Mas o parque não é muito fundo. A cinco minutos de caminhado um edifício mui branco o muralhava. Sob o escudo e as iniciais R. P. — lê-se Câmara Municipal...

É a Câmara Municipal de Cinelândia. E eu trago, de Lisboa, uma apresentação para o presidente... Encontrá-lo-ei às sete menos vinte da manhã?

UMA ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA CÂMARA DA CINELÂNDIA

Os hábitos madrugadores dos cineastros contagiaram todos os habitantes de Cinelândia — mesmo os que, directamente, nada teem que ver com a arte do silêncio.

A burocracia da Câmara Municipal estava já no seu posto. O gabinete do presidente fica no primeiro andar, ao fundo dum corredor muito branco (o branco é a côr predilecta de Cinelândia). Vou encontrá-lo abancado a uma secretária americana, com óculos de aro de tartaruga acavalados no nariz e um fato claro, de colonial chic ou de jogador de *tennis*.

Chama-se Leopoldo O'Donnell, foi em tempos empresário de cinema e é um dos reis magos da Cinelândia. Não aparenta, positivamente, meninice — mas o seu rosto saxónico, muito louro, transparenta energia, bom humor e inteligência viva.

Que está à minha disposição — declara. E eu começo pelo princípio: como e quando se fundou a Cinelândia?...

— O primeiro país que pensou em trasladar os seus estúdios para Portugal, foi a Inglaterra... London-Film, Broadwest, Hespwoth vieram pouco a pouco instalando-se entre nós. A primeira que me apareceu foi a Windsor-Film — em 1938 — há dez anos. Os seus directores vieram recomendados ao sr. Salm Levy... Eu agreguei-me a êles e, durante dias, cruzamos em tôdas as direcções, os arredores de Lisboa.

«Fixaram-se nas proximidades de Alcabideche, compraram 250 hectares de terrenos e ali construiram os seus estúdios. E um ano depois já quási tôdas as marcas inglesas tinham imitado a Windsor... Ao despontar do ano 1940 havia nesta zona perto de vinte e oito estúdios... Nasceram os primeiros hoteis — uns cinco... Rasgaram-se as três primeiras ruas — e a população orçava já por uns cinco ou seis mil indivíduos...

«Em Julho do mesmo ano realizava-se em Paris a grande conferência cinematográfica inter-europeia — e dela saíu a resolução de construirem uma capital do cine, uma Hollywood nova — e para isso foi escolhido Portugal, de onde os ingleses começavam a apregoar as maravilhas...

«Começaram então as *démarches* junto do govêrno português — que prontamente acolheu a proposta dos cinematografistas, antevendo o futuro doirado que a centralização em Portugal dos estúdios europeus traria ao país.

«Três semanas depois saltavam do «Sud», em Lisboa, os primeiros directores delegados que vinham, à lufa-lufa, na pressa de chegar a tempo das pechinchas de terreno...

«Infelizmente para os proprietários de Alcabideche e arredores êles não tinham ainda a noção exacta da brusca valorização das suas terras — e elas foram vendidas por baixos preços. E os seus compradores não eram apenas os cine-empresários... Comerciantes, pequenos e grandes capitalistas, espertalhões que viram à distância a dilatação provável da cidade do filme e que vinham na cola dos outros para terreno para os seus negócios — hotéis, lojas... até teatros!!!

«Em Janeiro de 42 Alcabideche tinha desaparecido; os seus habitantes ou fugiam, apavorados ante a invasão dos magos do cine, ou se adaptavam à nova civilização, aproveitando-a e estilizando-a. E como a multiplicação dos estúdios deixara de ser um incidente; como tudo indicava que o agrupamento se tornaria cada vez mais numeroso; como se esboçava algo de mais importante do que a marginação de estradas com edifícios fabris — reuniram-se os interessados e planeou-se a Cinelândia...

«Já nessa altura os alemães e parte dos franceses tinham desembarcado com armas e bagagens... Sessenta estúdios registados na Câmara então improvisada... A população triplicava: uns 16:000 seres humanos formigavam dentro da nova cidade.

«Logo às primeiras eleições guindaram-me à chefia do município. Temendo que a invasão da Cinelândia e a cedência imprudente e irreparável de terrenos viesse a impedir a construção de uma cidade de facto — a minha primeira medida municipal foi marcar um rectângulo dividindo de uma forma iniludível a zona onde se devia fundar a Cinelândia-cidade dos terrenos destinados aos estúdios...

«Fora dêsse rectângulo, podiam os cinematografistas alastrar os seus estúdios até Sintra ou até Cascais; dentro do rectângulo seria a *City*, destinada à vida livre dos trabalhadores da Cinelândia...

«A porta da cidade é aquela por onde passou. O *boulevard* e êste parque onde nos encontramos mede o comprimento da *city*. A linha do eléctrico, atravessando o *boulevard* bifurca-se nas proximidades do parque e percorre as linhas do rectângulo.

«Interessam-lhe, de certo, as estatísticas actuais... Ei-las... A Cinelândia reúne hoje cento e oitenta *studios* pertencentes a cento e vinte emprêsas ou a *metteurs-en-scène* e artistas independentes, de nove nacionalidades europeias diferentes — e, detalhe curioso, sendo alguns de nacionalidade norte-americana que preferem filmar na Europa...

«A população, a mais cosmopolita da Europa, é de quarenta mil pessoas — não faltando, entre elas, chineses, japoneses, negros, egípcios e índios. Dêsses quarenta mil habitantes, 60 por cento vivem directamente dos *studios* — directores, artistas, figurantes, scenógrafos, *costumiers*, etc.; 20 por cento, exploram-nos indirectamente: fornecedores de material, desenhadores, *costumiers*, adressistas, etc.; e os restantes 20 por cento empregam-se no que pitorescamente se chama os *trabalhos domésticos da cidade*: lojistas, hoteleiros, cervejeiros, *chauffeurs*, modistas, etc....

«A Cinelândia possue, na zona central, oito grandes artérias e trinta ruas, não contando com as estradas que conduzem aos *studios*, que formam um espiral em redor da *city* e do bairro, chamemos-lhe assim: — aristocrático da Cinestrela, encrustado na serra, preferido pelos *vedettes*, pelos directores, pelos vitoriosos da cinematografia, que nele mandaram construir pitorescos palacetes em número bastante elevado...

«Mas vamos às cifras: hotéis, cem; pensões, cento e vinte; cafés e bares, quarenta; grandes armazéns, oito; clubs, cercles, casinos e *dancings*, vinte e oito; casas de espectáculo, cinco; autos matriculados, mil e oitocentos, sendo quinhentos de aluguer... O corpo policial é composto por cem homens e o de bombeiros, por duzentos...

«Está satisfeito?

Estava-o de facto... Com as informações fornecidas pelo ilustre presidente do Município de Cinelândia fizera, do meu *block-notes*, um verdadeiro Baedecker da capital do filme...

NA ZONA CINEMATOGRÁFICA

Eram nove e meia quando, abandonando a Câmara Municipal, atravessei o parque e entrei de novo no *boulevard*.

(Continua)

REPÓRTER X.

BOM EXERCÍCIO

Estava Luís XIV gracejando com o duque de Vivonne, acêrca da excessiva gordura dêste, e achava-se presente o duque de Aumont, primo dêle, e que ainda o excedia muito em obesidade.

— Parece-me, duque — disse o rei — que se fizesse mais algum exercício, havia de abater essa corpulência.

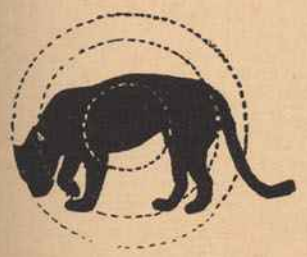
— Saberá Vossa Magestade — respondeu Vivonne — que o meu médico é da mesma opinião, e até já me aconselhou a que dêsse uns dois ou três passeios por dia à roda de meu primo. Mas eu a pé é que não dava conta do recado!

卐 卐

O ANIMAL MISTERIOSO

(Solução)

Há que fazer no desenho três cortes circulares, todos com o centro no mesmo ponto.



Êsse centro comum pode encontrar-se, geomètricamente, por meio de três pontos que podem marcar-se, distintamente, na circunferência média.

卐 卐

Aconselharam a um sujeito, a quem por várias vezes haviam roubado na rua o relógio e o dinheiro, que trouxesse um par de pistolas consigo.

— Para quê? — respondeu o poltrão — Para também ficar sem elas?

卐 卐

Uma mulher de mau génio estava sendo interrogada no tribunal, como testemunha. O marido, evidentemente o mais fraco, escutava-a com ar tímido.

O advogado da parte contrária apertava-a com preguntas instantes, quando ela exclamou, zangada: — Escusa de estar a ver se me apanha. Já uma vez o tentou fazer.

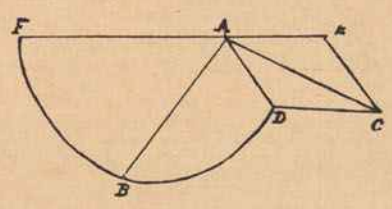
Responde logo o advogado:

— Minha senhora, eu não tenho o menor desejo de apanhá-la; e ali o seu marido tem cara de quem está arrependido de o ter feito!

卐 卐

Um oficial que se achava de guarnição numa praça, escreveu numa parte de serviço: «Esta praça foi hoje visitada por um inglês, que pela voz parecia estrangeiro.

ILUSÃO ÓPTICA



Olhando para o diagrama junto, tôda a gente dirá que a linha A-B é maior que a linha A-C, o que não é exacto, porque a verdade é serem ambas iguais entre si.

卐 卐

O FREGUEZ (olhando desconfiadamente para a caixa da qual o estão servindo): — Êsses cigarros são mais pequenos do que costumavam ser.

O LOJISTA: — São, efectivamente. É que o fabricante notou que a última polegada do cigarro se deita sempre fora, por isso já lhe tira essa porção quando os faz.

TÃO BOM UM COMO O OUTRO

O jardineiro (para o pintor): — O seu pedaço de mandrião! Há mais de um quarto de hora que estou aqui parado a olhar e ainda o não vi fazer nada!

Uma menina aristocrática procurava sempre e a propósito de tudo falar no título do pai.

— Meu pai, o marquês de... para aqui; meu pai, o marquês de... para acolá.

— E o outro como se chama? — preguntou-lhe muito singèlamente um ouvinte.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM DEZEMBRO DE 1928

LITERATURA

ALBALAT (ANTÓNIO) — *A formação do estilo pela assimilação dos autores*. Trad. de Cândido de Figueiredo. Nova ed. 551 p. 8.º — 9$00.

ARAGÃO (HELENA DE) — *Quem não quere ser lobo*... Novela infantil («Biblioteca dos Pequeninos»). Hs. de Mamia Roque Gameiro. 72 p. c. capa il. e grays. — 5$00.

BISPO (EDMUNDO B.) — *Abecedário profissional e técnico*. P-á-pá, Santa-Justa, dos profissionais e dos técnicos de palmo e meio... 385 p. 16º c. figs. — 20$00.

CASCALHEIRA (GREGÓRIO) — *Na terra dos Gregórios*. Novela. 215 p. 8.º c. capa il. — 10$00.

COELHO NETTO — *Mano*. Nova ed. 151 p. c. o retr. do A. — 10$00.

FERREIRA (ARMANDO) — *Tilô e Tâtâ nos jardins da fantasia*. Fantasia infantil, recreativa, artística, cómica... em 1 prologo e 10 quadros («Biblioteca dos Pequeninos»). Hs. de Alfredo Morais. 103 p. 8.º — 5$00.

GIL (AUGUSTO) — *Luar de Janeiro*. Versos. Nova ed. 189 p. l. capa il. — 7$00.

GONÇALVES PEREIRA (ARMANDO) — *A Campanha da Paz. Desarmamento e arbitragem* (Direito Internacional Público. 52 p. — 10$00.

GUERREIRO MURTA (DR. JOSÉ) — *Como se aprende a conversar*. Desde a conversa popular até à erudita e com a história da conversação em Portugal desde o séc.º XVI até os nossos dias («Estudar é saber»): 268 p. 8.º c. grays. de Martins Barata. — 10$00.

GUERREIRO MURTA (JOSÉ) — *Como se aprende a redigir*. Nova ed. («Estudar é saber»). 267 p. 8.º — 10$00.

LAPAS DE GUSMÃO — *O Mutilado*. Drama. *Uma Noite*. Tragédia. 149 p. 8.º — 10$00.

MAIA (SAMUEL) — *Braz Cadunha*. Peça em 3 actos. 172 p. 8.º — 6$00.

MARTINS JÚNIOR — *A Gruta dos Vagabundos*. Novela. 237 p. 8.º c. um retr. e capa il. — 8$00.

MARTINS VELHO (DR. A. A.) — *Contos maravilhosos*. Narrativas espiritas. 204 p. 8.º — 7$00.

PIMENTA (ALFREDO) — Tratado de versificação portuguesa. 136 p. 8.º — 6$00.

PIRES (ANTÓNIO TOMÁS) — Origem de várias locuções, adágios, anexins, etc. 135 p. 4.º.

PIRES (ANTÓNIO TOMÁS) — *Tradições populares transtaganas*. 49 p.

PIRES DE MATOS — *Saudades do Mar*. Novela. 221 p. 8.º — 10$00.

RAPOSO DE OLIVEIRA — *O Poeta do Só*. Poemeto. Nova ed. 22 p. c. o retr. do A. — 5$00.

SALEMA VAZ — *Suavidade*. Versos. 146 p. 8.º — 10$00.

SOUSA COSTA — *Fruto proibido*. Romance. Scenas da vida de Coimbra. Nova ed. 330 p. 8.º c. capa il. — 10$00.

SOUSA COSTA (EMÍLIA DE) — *História do Menino Jesus*. Natal de 1928 («Biblioteca dos Pequeninos») Hs. de Raquel Roque Gameiro Ottolini. 82 p. — 10$00.

SOUSA E SILVA (PEDRO AUGUSTO DE) — *A queda dum anjo*. Peça em 4 actos, extraída do romance, com o mesmo título, de Camilo C. Branco. 183 p. 8.º c. retr., caricatura e capa il. — 7$50.

VIEIRA (PADRE ANTÓNIO) — *Onze cartas inéditas*. 43 p.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ARAGÃO (MAXIMIANO) — *Viseu* (Província da Beira). Subsídios para a sua história, desde fins do séc.º XV. Instituições religiosas. 517 p. 8.º —

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS

R. Causinos-Assens

Um dos talentos mais apreciados, entre a moderna e brilhantíssima pléiade de novelistas espanhóis. Da sua pena têm saído muitas apreciações a factos e figuras da nossa literatura, apreciações essas que patenteiam um alto sentido de justiça e uma envolvente simpatia pelos escritores portugueses.

ARAGÃO (MAXIMIANO) — *Viseu* (Província da Beira. Subsídios para a sua história desde fins do séc.º XV. Instituições políticas. I parte. 519 p. 8.º —

BATALHA (LADISLAU) — *Memórias e aventuras* (Reminiscências autobiográficas). 229 p. 8.º c. o retr. do A. — 10$00.

CARVALHO (JOAQUIM DE) — *Dois inéditos de Abraham Zacuto*. 54 p.

COSTA VEIGA (A. BOTELHO) — *Breves palavras sôbre a questão de Ourique*. 18 p. — 5$00.

FERRÃO (ANTÓNIO) — *Os Estudos de erudição em Portugal nos fins do século XVIII*. 43 p.

FERREIRA BOTELHO (ANTÓNIO) — *Costa azul e Itália* (Ecos apagados duma viagem). 107 p. 8.º c. capa il. — 9$00.

FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO) — *Fernão Lopes*. A sua vida e a sua obra. («Colecção Patrícia). 16 p. — 2$50.

GOULART DA COSTA (EUCLIDES) — *Portugal descobridor*. Apontamentos respeitantes à descoberta da Califórnia. 63 p. c. 1 retr. e grays. — 7$50.

Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna, D. José Trasimundo Mascarenhas Barreto, ditadas por êle próprio em 1861, revistas e coordenadas por Ernesto de Campos de Andrada. Partes I e II (1802-1824). 493 p. 8.º c. est. — 40$00. Parte III e IV (1825-1833) 395 p. 8.º c. ests. — 40$00.

PÔRTO DA CRUZ (VISCONDE DO) — *Paixão e morte de Sidónio*... e o mais que se seguiu... Memórias e apontamentos para a história. 100 p. 8.º — 5$00.

RIBEIRO (HERLANDER) — *Quadros de viagens*. 118 p. 8.º — 10$00.

RIBEIRO (HERLANDER) — *Rússia bolchevista*. 134 p. 4. c. capa il. — 12$50.

ROCHA MARTINS — *Madre Paula* («Os grandes Amores de Portugal» da Colecção História). 64 p. 8.º c. grays. e capa il. por Raquel Gameiro Ottolini. — 2$50.

SÁ (AIRES DE) — *Rainha D. Amélia*. 374 p. 8.º c. retrs. e capa il. — 50$00.

SÃO PAULO (JORGE DE) — História da Rainha D. Leonor e da Fundação do Hospital das Caldas. Escrita em 1656. 209 p. 8.º c. grays. — 15$00. Ed. especial — 30$00.

SCHULTEN (ADOLF) — *Viriato*. Vertido do alemão por Alfredo Ataíde, com um prefácio do prof. Mendes Corrêa. 92 p. — 5$50.

SOUSA GOMES (ARMANDO DE) — *A Sigla de Nuno Gonçalves*. 6 p. — 5$00.

SCIÊNCIAS E ARTES

ALMEIDA BARRIGAS (AURELIANO) — *A inflamação eléctrica por magneto ou bateria, nos automóveis*. 135 p. 8.º c. grays. — 7$50.

CORREIA DOS SANTOS (JOÃO ANTÓNIO) — *O Problema nacional português visto da Bélgica e França* (A educação pela instrução). 148 p. 8.º c. grays.

CUNHA FAJARDO (J. M. DA) — As vacas leiteiras e a sua mais lucrativa exploração pecuária pelo emprêgo da ovariotomia. 87 p. c. grays. — 10$00.

FERREIRA (RAUL CÉSAR) — *Elementos de arquitectura naval* (O navio de comércio). Com um prefácio do Alm. Vicente d'Almeida d'Eça. 134 p. 8.º c. figs. — 30$00.

MORAIS (SILVESTRE DE) — *Evolução e determinismo*. Caracteres filosóficos. Nova ed. 292 p. 8.º.

MURCHÉ (VINCENT) — Curso sistemático de lições de coisas. Trad. e adaptado do inglês por J. Rodrigues Miguéis, com um pref.º de António Sérgio. 219 p. 8.º c. grays.

PEREIRA TAVARES (JOSÉ) — *Ortografia portuguesa*. Manual do estudioso da lingua. 83 p. — 5$00.

PESSOA (ALBERTO) — *Idéas médicas de Eça de Queirós*. I — A morte de Amélia e a morte de Luísa. 35 p. — 5$00.

SAY (MARIO) — *A Explicação do homem através duma auto-explicação e em 207 lâboas filosóficas*. 265 p. 8.º — 13$00.

SEQUEIRA OLIVA JÚNIOR (LUÍS DE) — *A telefonia e a telegrafia sem fios para o amador*. Nova ed. 288 p. 8.º c. grays. e capa il. — 10$00.

SCIÊNCIAS CIVIS

MAIA (BERTA) — *As minhas entrevistas com Abel Olímpio, o «Dente de Ouro»*. Páginas para a história da morte vil de Carlos da Maia. 64 p. — 7$50.

BRIAS-ARTES

CORREIA (VERGÍLIO) — *Pintores portugueses dos séculos XV e XVI*. Subsídios para a história da arte portuguesa. 101 p. 8.º c. grays. — 15$00. Ed. especial — 30$00.

SAAVEDRA MACHADO — *O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo*, com ilustrações do glorioso artista. Prefácio do Dr. Arlindo Camilo Monteiro. 36 p. c. grays. — 10$00.

CAMONIANA

CAMÕES (LUÍS DE) — *Autos*. Anotados por Marques Braga. 107 p. 8.º — 100$00.

REVISTAS E MAIS PUBLICAÇÕES

Continuam a publicar-se com regularidade e interêsse de leitura, as seguintes revistas portuguesas: *Terras de Portugal*, cujo esfôrço em favor do desenvolvimento do turismo nacional é digno de registo e aplauso; *Brotéria*, que versa sempre assuntos importantes, quer no campo religioso quer no scientífico; *Portugal*, cujo número relativo a Novembro e Dezembro últimos apresenta, com a douros brilhantes e sabedores publicistas, colaboração dos srs. drs. Brito Camacho, Claudio Basto, Nunes Claro, Sá Nogueira, Leonardo Coimbra e João da Silva Correia; e *Boletim do Instituto de Orientação Profissional* «Maria Luísa Barbosa de Carvalho», que, à excepção de dois ou três artigos mais, compõe o texto do seu tomo último com diversos e esclarecidos estudos do sr. dr. Faria de Vasconcelos.

Apareceu agora outra revista devotada à causa nacionalista, a qual se denomina *Cruzada Nova* e tem 15 dois fascículos impressos. Gente moça a dirige, havendo, porém, na sua colaboração nomes já conhecidos e notáveis. O aspecto gráfico é, no geral das páginas, bom.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22$00	43$00	84$00
Registados	24$40	47$80	93$60
ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL		49$00	96$00
Registados		53$80	105$60
ÍNDIA, MACAU E TIMOR		53$00	104$00
Registados		57$80	113$60

	Semestre	Anual
ESPANHA	47$00	92$00
Registados	51$80	101$60
BRASIL	52$00	102$00
Registados	61$60	121$20
ESTRANGEIRO	63$00	124$00
Registados	72$60	143$00

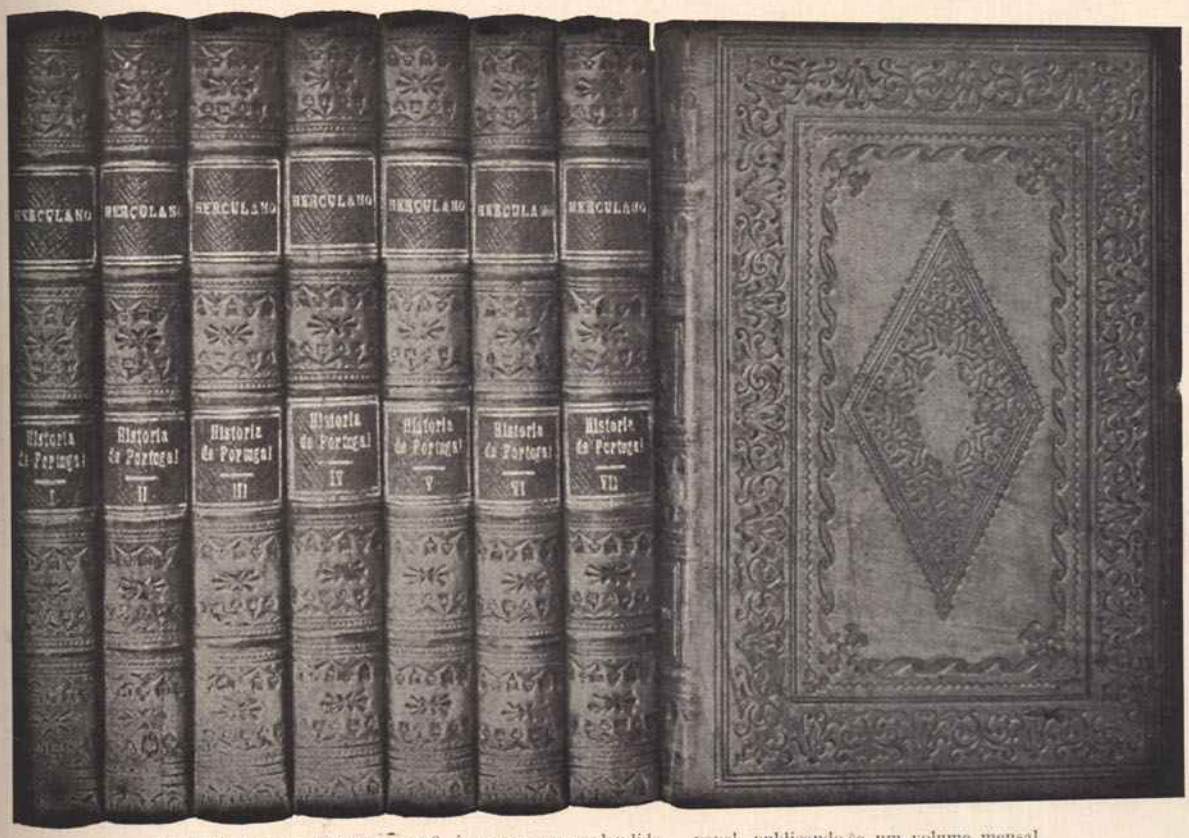
NÚMERO AVULSO 4$00

HISTÓRIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

ACEITAM-SE ASSINATURAS DESDE O INICIO

POR ASSINATURA: O pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a acquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado

CONTINENTE E ILHAS — incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura ..... Esc. 10$00

Idem encadernado em percalinha com ferros especiais e letras a ouro ..... Esc. 14$00

Idem, encadernado em carneira gravada à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado ..... Esc. 25$00

BRAZIL — incluindo despesas do correio:

Brochado ..... Esc. 12$40

Encadernado em percalina ..... Esc. 16$40

» » carneira ..... Esc. 27$40

COLÓNIAS PORTUGUESAS — Pagamento adeantado — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

Os pedidos de assinaturas devem ser pedidos aos editores:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett. 75 — LISBOA

O que pode representar o telefone na vida da humanidade!

Se D. Afonso Henriques tivesse um telefone seriam certamente outras as suas **conquistas.**

O telefone é o grande economizador de **tempo.**

A **rapidez** dos ataques de D. Afonso Henriques, resultando sempre em vitórias, traduz-se na vida moderna, pela rapidez e precisão das ordens a dar; o **telefone** é a melhor **arma** para se vencer na vida moderna.

E porque não ter telefone?

Ele custa-vos: **Nada de instalação**
Um tanto por mês
Nada pelas chamadas recebidas
Um tanto por cada chamada

A Companhia tem várias soluções para o vosso orçamento, e dar-vos-há a escolher a melhor forma de pagamento.

Dirija-se pelo telefone ou pelo correio à Companhia, e um seu representante vos procurará, para, sem mais incómodos, vos instalar um telefone.

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE C.º L.TD

RUA NOVA DA TRINDADE, 43

Telefone 4200

LISBOA